

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- PUBLICIDADE E  
PROPAGANDA

Thamara da Silva Godois

**FLORBELA ESPANCA: INSPIRAÇÃO FEMINISTA NA POESIA  
REINTERPRETADA PELA FOTOGRAFIA**

Santa Maria, RS, Brasil.  
2016

**Thamara da Silva Godois**

**FLORBELA ESPANCA: INSPIRAÇÃO FEMINISTA NA POESIA  
REINTERPRETADA PELA FOTOGRAFIA**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social- Hab. Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Santa Maria, RS

2016

**Thamara da Silva Godois**

**FLORBELA ESPANCA: INSPIRAÇÃO FEMINISTA NA POESIA  
REINTERPRETADA PELA FOTOGRAFIA**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social- Hab. Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

**Aprovado em 15 de dezembro de 2016:**

---

**Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz, Dra. (UFSM)**

(Presidente/Orientador)

---

**Juliana Petermann, Dra. (UFSM)**

---

**Luciano Mattana, Me. (UFSM)**

Santa Maria, RS

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que de alguma maneira colaboraram para minha formação acadêmica, sendo com uma palavra amiga ou com uma dica nos momentos finais do curso, mas agradeço em especial a:

A minha orientadora Milena Freire que desde o começo me acolheu de braços abertos e que me abriu a mente para ideias que não tinha pensado antes, por fazer crescer em mim o senso crítico sobre todos os quesitos envolvidos na sociedade e por ser tão amável quando o que mais queria era uma palavra amiga.

As participantes do projeto Cecília, Margot, Maria, Duda e Roberta que desde o começo se mostraram solícitas e entusiasmadas com o os assuntos que seriam debatidos, por me ajudar a refletir sobre o feminismo e sobre a inserção da mulher na literatura e por me ajudar a apresentar como resultado fotografias cheias de significados e sentimentos.

Aos meus pais Santa Genezi e Itamar agradeço por me proporcionarem o ingresso no ensino superior e me apoiarem nas minhas decisões desde sempre. Sem vocês eu não seria nada do que sou hoje.

Ao meu companheiro Alisson Gambinni por me ajudar nos momentos em que achei que não seria capaz e por me disponibilizar o apartamento vazio para que pudesse ouvir meus pensamentos e me dedicar a escrita.

A minha tia Beatriz Godois que me presenteou com um livro de Florbela Espanca e me fez sentir prazer em ler poesias. Saiba que tu sempre teve uma grande importância em minha vida.

Aos meus colegas Humberto Ferreira, Lucas Puhl, Matheus Almeida e Vítor Ceolin por me proporcionar discussões valiosas sobre o mercado e sobre todos os encontros extra acadêmicos que me possibilitaram ter uma visão diferente sobre o mundo. Vocês serão sempre mais que colegas, serão meus amigos.

Por fim, ao Maurício Severo e ao Rafael Martins, técnico-administrativos que sempre me mostraram que havia um lado simples em tudo que parecia muito difícil.

## RESUMO

### **FLORBELA ESPANCA: INSPIRAÇÃO FEMINISTA NA POESIA REINTERPRETADA PELA FOTOGRAFIA**

AUTORA: Thamara da Silva Godois

ORIENTADORA: Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Este projeto experimental visou discutir temas feministas na atualidade tendo como ponto de partida para a reflexão a vida e obra da poetisa portuguesa Florbela Espanca, que viveu no fim do século XIX e início do século XX. Para tanto, foi realizada uma pesquisa social e histórica sobre a inserção da mulher na literatura e sobre as questões de desigualdade de gênero que fizeram emergir os ideais do movimento feminista. Tendo como base essa pesquisa, foram propostos dois grupos de discussão em que cinco mulheres que se consideram feministas puderam expor suas opiniões além de conhecer um pouco mais sobre Florbela. O caráter experimental deste projeto se justifica pela produção de sentido expressa a partir de releituras de poesias de Florbela Espanca através da demonstração imagética da fotografia. A inovação no trabalho é evidenciada pela intersecção de temas não muito explorados no campo da comunicação como a poesia e feminismo refletidos a partir da imagem fotográfica. Além disso, inovou-se ao converter o papel da autora do projeto como vetor da ação e reflexão de outras mulheres na produção das imagens. O produto comunicacional do projeto é um livro que contém as poesias selecionadas junto das releituras em forma de fotografia que foram realizadas pelas participantes. Por fim, acredita-se que o projeto contribui para os demais trabalhos da área por estimular o conhecimento da obra de Florbela Espanca e por articular a linguagem da arte com as questões de gênero, facilitando a reflexão dos temas feministas na sociedade.

**Palavras-Chave:** Florbela Espanca. Feminismo. Literatura. Poesia. Fotografia.

## ABSTRACT

### FLORBELA ESPANCA: POETRY FEMINIST INSPIRATION REINTERPRETED IN PHOTOGRAPHY

AUTHOR: Thamara da Silva Godois

ADVISOR: Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

This experimental project aims to discuss feminist themes in the actuality based on the life and work of the Portuguese poetess Florbela Espanca, who lived in the late nineteenth and early twentieth centuries. To do so, a historical and social research about women's insertion in literature and the gender inequality issues that made the feminist movement emerge was made. Having as a base this research, two discussion groups were proposed in which five women who consider themselves feminists were able to exhibit their opinion and also get to know a little more about Florbela. This project's experimental character is justified by the production of meaning expressed in the poetry rereadings of Florbela Espanca through photographic's imaging demonstration. The innovation in this project comes from the intersection of themes little explored in communication such as the poetry and feminism reflected on photography. Furthermore, the author's role was made into vector for action and reflection for the image production of other women. The project's communicational product is a book containing selected poetry and rereadings in the form of photography made by the participants. Lastly, it is believed that the project contributes in the field for stimulating the knowledge of Florbela Espanca's work and also for articulating the language of the art with issues of gender, facilitating the reflection of feminist themes in society.

**Keywords:** Florbela Espanca. Feminism. Literature. Poetry. Photography.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Roteiro para discussão	
Questionário .....	41
Quadro 2- Linha do tempo	
Linha do tempo.....	44

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Releituras de Cecília	
Fotografias elaboradas pela participante.....	49
Figura 2- Releituras de Margot	
Fotografias elaboradas pela participante.....	51
Figura 3- Releituras de Maria	
Fotografias elaboradas pela participante.....	52
Figura 4- Releituras de Duda	
Fotografias elaboradas pela participante.....	54
Figura 5- Releituras de Roberta	
Fotografias elaboradas pela participante.....	55

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2</b>	<b>LITERATURA E FEMINISMO</b>	15
2.1	A MULHER E SUA INSERÇÃO NA LITERATURA	15
2.2	O FEMINISMO E SUA INFLUÊNCIA NA LITERATURA	17
2.3	A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DO FEMINISMO	20
<b>3</b>	<b>A VIDA E OBRA DE FLORBELA ESPANCA</b>	24
3.1	A VIDA DE FLORBELA	24
3.2	A OBRA E SUAS PRINCIPAIS TEMÁTICAS	26
3.2.1	O amor na poesia de Florbela	27
3.2.2	O erotismo na obra florbeliana	29
3.2.3	A temática da morte na poesia de Florbela	32
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA EXPERIMENTAL</b>	34
4.1	PASSOS METODOLÓGICOS	37
4.1.1	Cecília	37
4.1.2	Margot	38
4.1.3	Maria	38
4.1.4	Duda	39
4.1.5	Roberta	39
4.2	GRUPOS DE DISCUSSÃO	40
4.2.1	A mulher e o feminismo	41
4.2.2	Florbela Espanca: Vida e Obra	43
4.2.3	Florbela e suas temáticas feministas	47
<b>5</b>	<b>O PRODUTO COMUNICACIONAL</b>	49
5.1	CECÍLIA	49
5.2	MARGOT	50
5.3	MARIA	52
5.4	DUDA	53
5.5	ROBERTA	55
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	57
	<b>REFERÊNCIAS</b>	60

## 1 INTRODUÇÃO

No presente projeto, é feita uma união entre temas que eu fui conhecendo durante minha trajetória acadêmica e pessoal. Desde muito cedo a literatura se fez presente em minha vida através de meu pai, que contava histórias durante a infância. No entanto, foi aos 12 anos que o gosto pela poesia começou, quando uma tia me presenteou com um livro de uma autora portuguesa até então desconhecida, chamada Florbela Espanca. A partir disso, houve o interesse pela poesia, sendo as aulas de literatura na escola de grande importância. Mesmo depois de ingressar no ensino superior, a poesia se fez presente em trabalhos, muitas vezes aliada à fotografia devido à proximidade com um colega que atualmente é fotógrafo. Dentro desse contexto, foi a partir do último ano do curso após ter sido convidada a realizar leituras sobre o feminismo, literatura e fotografia, que percebi a proximidade de Florbela Espanca com o feminismo, propiciando minha visão crítica sobre esse e outros temas.

Desde pequena, eu (assim como muitas mulheres) aprendi a conviver com atitudes machistas oriundas de vários locais: de casa, da escola e da sociedade. Até um determinado tempo de nossas vidas convivemos com isso sem perceber o preconceito envolto nessas situações e o quanto isso prejudica a condição de vida de muitas mulheres em todo o mundo, sendo esta realidade construída historicamente.

No começo do século passado, as mulheres eram subjugadas aos homens e nem sequer tinham o direito de votar. Aquelas que desejavam aprender a ler e a escrever eram difamadas, pois este privilégio era concedido aos homens - que detinham o poder até mesmo na literatura, colocando as mulheres em personagens menores. Para elas só restavam as atividades domésticas. Dentro do lar, a mulher tinha o dever de acatar a vontade dos homens, e subverter esta norma social as distanciava do ideal feminino.

Neste contexto, surge em Portugal uma jovem poetisa chamada Florbela Espanca que serve de inspiração para as demais mulheres da época e para o projeto realizado. Florbela era feminista em uma época que o feminismo nem era chamado assim. Sendo ela uma mulher que não tinha o reconhecimento

legal de seu pai, que lia e escrevia poemas e que foi casada com três homens diferentes, Florbela foi caluniada por uma sociedade pautada por opiniões masculinas. Naquele tempo, as poesias, diferentemente de outros textos literários, eram mais expostas a críticas, pois eram vistas como um gênero nobre e que conseqüentemente não poderia ser instrumento de expressão de uma mulher. Florbela, ao contrário de outras mulheres que escreviam poesias, nunca utilizou um pseudônimo masculino e sempre se colocou como mulher ao dizer-se autora dos textos. Este pode ser considerado um aspecto interessante para a manifestação feminista em suas atitudes e suscita à reflexão a necessária imposição das mulheres na atualidade no que diz respeito ao seu ingresso em áreas que ainda não estão presentes.

A partir disso, refleti sobre qual seria a inovação presente no Trabalho de Conclusão de Curso que de alguma forma homenageasse a imposição de Florbela perante a sociedade da época, conseqüentemente percebi que o projeto experimental me possibilitaria uma maior liberdade de criação e formas de experimentação.

Segundo normas dos Trabalhos de Conclusão de Curso vigentes no âmbito dos cursos de comunicação da UFSM, o projeto experimental caracteriza-se por um conjunto de atividades práticas, desenvolvidas a partir de bases teórico-metodológicas de caráter inovador contendo o planejamento, execução e veiculação de um produto comunicacional com base teórica e definições metodológicas referentes às etapas do processo. Por isso, **o caráter experimental deste projeto se justifica pela produção de sentido expressa a partir de releituras de poesias de Florbela Espanca através da demonstração imagética da fotografia.**

O caráter inovador deste projeto se dá pela abordagem de temas pouco explorados no âmbito da comunicação, como a relação entre feminismo, poesia e fotografia. Por outro lado, inova-se na medida em que, nos projetos experimentais, normalmente o autor é também quem executa todas essas etapas do produto comunicacional. No meu caso, ao solicitar a participação de mulheres que se consideram feministas na interpretação das poesias e produção das fotografias, sou considerada o vetor da ação das participantes.

Deste modo, do ponto de vista metodológico, a partir de dados da vida e obra de Florbela Espanca, foi possível propor grupos de discussão com mulheres feministas para estimular a produção de fotografias com base em suas experiências de vida, reinterpretando o que havia sido escrito tanto tempo atrás. A partir disso, as participantes demonstraram nas fotografias suas próprias angústias como mulheres além de trazer aspectos pessoais e exprimirem opiniões com a utilização de símbolos que são importantes em suas vidas. Deste modo, o objetivo geral deste projeto experimental **é fomentar a discussão de questões feministas na atualidade a partir da releitura de poesias de Florbela Espanca.**

Como objetivos específicos pode-se elencar:

- Possibilitar o reconhecimento de Florbela Espanca por parte de mulheres feministas;
- Estimular à reflexão a literatura/poesia como expressão cultural e artística, logo, parte integrante da comunicação social;
- Analisar as questões femininas cotidianas a partir da referência das vivências de Florbela Espanca
- Representar, sob a ótica da fotografia, a produção de sentido de mulheres feministas com base nas poesias de Florbela.

Com base nessas discussões, o trabalho foi dividido em dois capítulos teóricos e dois que representam a parte mais prática do projeto. No primeiro, é feita uma relação entre a literatura e o feminismo, sendo relatada a maneira como a vida das mulheres era difícil no período vivido por Florbela Espanca. Já que elas não podiam ler (eram somente personagens na literatura), as mulheres eram representadas por estereótipos baseados na pureza feminina e em sua forma angelical. Depois que a mulher passou a ler e a escrever essa normativa mudou um pouco, fazendo com que pudesse compreender as leituras com base em suas vivências e também retratarem a sua maneira os assuntos relevantes. Porém, em muitos casos tinham que utilizar pseudônimos para que não perdessem leitores ou credibilidade. Assim, a literatura passou a se tornar um instrumento para o feminismo. Para discorrer sobre essas

abordagens, foi importante tomar como referência, autores especialistas nos temas. Assim, quando se trata de literatura e feminismo não é possível deixar de lado Constância Duarte (2003), que ajudou a descrever as ondas do feminismo e suas principais publicações. A obra de Cecil Zinani (2011) foi importante para refletir questões da inserção da mulher na literatura e Bourdieu (2002) e Colling (2004), como referências para a reflexão das questões de desigualdade de gênero.

No segundo capítulo, foi feito um apanhado da vida e obra de Florbela Espanca com a descrição do contexto em que vivia, além das suas principais temáticas sempre perpassadas pelo feminismo. Maria Lúcia Dal Farra (2002) e Fabio Mario da Silva (2009) são grandes estudiosos de Florbela Espanca, cujo referencial tornou possível fazer uma boa reflexão acerca das premissas verdadeiras sobre a poetisa.

Com a utilização de conceitos de Fábio d'Abadia Sousa (2009) e Karl Erick Schollhamm (2007) foi possível fazer uma relação de complementaridade entre a literatura e a fotografia. Para Schollhamm (2007), a literatura fornece imagens mentais e visuais para o leitor possibilitando uma maior fonte de inspiração comparado com o contrário, ou seja, se o projeto propusesse a escrita da poesia a partir das imagens. Roland Barthes (2004) foi trazido para este contexto da fotografia, já que seus trabalhos tomam como base estes conceitos e nos relatam que o ato de escrever pode ser comparado a um gesto simples que está presente no cotidiano preguiçoso, no caso do projeto proposto foi isso que se buscou também no ato de fotografar para que as interpretações das participantes fossem o mais puras possível, livres de um senso de obrigatoriedade em participar.

Após o meu processo de pesquisa teórica constada neste trabalho, as participantes do projeto foram apresentadas com nomes fictícios para que não houvesse problema em divulgar suas opiniões. Foram descritos os dois encontros em que o método utilizado foi o de grupo de discussão, em que a mediadora interpelava os assuntos debatidos pelas participantes. Durante os grupos de discussão, as mulheres foram estimuladas a discutirem sobre o feminismo e sobre a vida de Florbela Espanca da forma mais aberta possível.

Segundo Thornton (2005), essa é a escolha mais adequada para quem deseja ter uma dinâmica de grupo sem que necessariamente haja um consenso.

A partir do primeiro encontro, as participantes foram convidadas a realizarem releituras sobre as poesias de Florbela em forma de fotografia. Tiveram aproximadamente uma semana para fotografarem e me entregarem o resultado, que a meu ver surpreendeu pelo fato de nem todas terem contato direto com a fotografia. Posteriormente, foi realizado um segundo encontro em que todas as fotos foram mostradas sem que a autora da foto em questão fosse revelada para que as demais falassem sobre os sentimentos que as imagens a transmitiam e, por último, a autora da fotografia revelava o que a levou a fotografar daquela maneira. Em muitos momentos as próprias autoras ficaram surpresas com tamanhos significados transmitidos nas fotografias. Essas imagens foram reunidas e transformadas em um livro, produto comunicacional deste projeto, chamado Reinterpretando Florbela em que estão expostas ao lado de suas respectivas poesias.

De forma geral, o projeto visou divulgar Florbela Espanca como sendo uma mulher forte que enfrentou diversos empecilhos para que conseguisse escrever e se fazer respeitada pelo que pensava. Além disso, o feminismo assim como mulheres iguais a ela não podem ser esquecidas.

## 2 LITERATURA E FEMINISMO

### 2.1 A MULHER E SUA INSERÇÃO NA LITERATURA

Para descrever a relação entre o feminino e a literatura, é preciso que saibamos como era visto o papel da mulher na sociedade ocidental do século XIX. Nesse período, competia ao homem ser o provedor e administrador da família enquanto, para as mulheres, o cuidado com a casa e família era essencial, assim como seguir os parâmetros de beleza instituídos por uma sociedade patriarcal e subordinar-se à vontade masculina. Todo e qualquer trabalho intelectual era papel reservado aos homens (WIECHMANN, 2013, p.5).

Gilbert e Gubar (apud WIECHMANN, 2013, p.6) apresentam os estereótipos criados sob uma visão masculina que representam as mulheres, tanto na vida como na literatura: o anjo e o monstro. O primeiro remete à representação angelical da mulher: imagem idealizada de bondade e pureza que pode ser comparada a imagem da Virgem Maria. Dentro de casa, a mulher cuida da família e dos filhos, sendo subordinada ao marido. Devido a essa submissão, o que há por trás é o reforço da falta de autonomia feminina, possibilitando que seja colocada no papel de um objeto contemplável e sem ação – o que tem consequência na limitação de sua expressão e sua criatividade. Além da vida, o anjo doméstico está presente em uma literatura na qual personagens femininos, criados sob uma ótica masculina, são aprisionados criando um ideal de feminilidade eternizado.

Opondo-se ao anjo, a mulher-monstro é o estereótipo que retrata a transgressão ao ideal feminino. Essas mulheres assumem papéis tradicionalmente masculinos como a iniciativa sexual, a autoridade e a força. Segundo Nunes (2014, p.3), no final do século XIX e início do século XX poucas mulheres tinham acesso à educação e por isso a taxa de analfabetismo era alta. Portanto, as poucas mulheres que sabiam ler tinham acesso à leitura. Aquelas que liam, acessavam textos escritos por homens e, portanto, com uma visão masculina da realidade. Por consequência, as mulheres pouco escreviam e a escrita como exercício intelectual não fazia parte de suas vidas como o bordado e o piano, por exemplo (WIECHMANN, 2013, p.7).

Para Gilbert e Guber (*apud* WIECHMANN, 2013, p.7), a caneta pode ser vista metaforicamente como um falo. O homem sendo capaz de criar sua posteridade dá condição à tradição literária masculina. A mulher, não tendo esse poder de criação, é excluída por não possuir os instrumentos necessários para isso. Portanto, as mulheres que se aproximavam da escrita eram caracterizadas através do estereótipo da mulher-monstro e sua criatividade literária era vista pelos homens como resultado de frustração amorosa e sexual.

Devido à escrita masculina ser a predominante no início do século XX, cabia então para as mulheres o papel de leitoras. Segundo Jonathan Culler (*apud* ZINANI, 2011, p.411), há uma diferença entre leitores e leitoras diante o mesmo texto devido às experiências de cada gênero - o que significa que uma fantasia masculina pode representar para as mulheres um retrato degradado da situação feminina. Quando há a presença de uma personagem feminina num texto literário, as mulheres podem analisar sua complexidade ou não, bem como sua relevância na hierarquia dos acontecimentos com base em suas experiências pessoais. Bonnici (*apud* ZINANI, 2011, p. 411), exemplifica uma situação a este respeito a partir de um trecho de *Paraíso Perdido*, de Milton, em que Eva se ausenta devido a Adão preferir a voz dos anjos para o relato dos acontecimentos ao invés de priorizar a voz da pessoa que viveu estes acontecimentos, o que demonstra a subordinação da mulher. Além disso, o autor evidencia alguns aspectos que são observados na leitura feminina como a falta de neutralidade nas representações femininas e masculinas e a exaltação de valores patriarcais.

Para aquelas que escreviam textos literários, o que restava era transgredir. É preciso salientar que os textos femininos em prosa eram menos criticados que as poesias, já que a criação poética era vista como um gênero lírico nobre e intelectual além de ser um privilégio masculino (WIECHMANN, 2013, p.9). Gilbert e Gubar (1984) fazem uma releitura de livros de Jane Austen, as irmãs Brontë, Christina Rossetti e Emily Dickinson – escritoras que não foram incluídas no cânone literário, mas que tiveram grande relevância no modo de escrita ocidental, pois em pleno século XIX se opuseram a tradição sociocultural do patriarcado.

Essas autoras adotaram uma forma de subtexto que em muitos trechos conseguiam esconder sua consciência sobre as relações de gênero, possibilitando somente as leitoras identificar suas angústias (GILBERT E GUBAR, apud WIECHMANN, 2013, p.11). Além disso, elas utilizavam a literatura para denunciar a vida das governantas e professoras com a apropriação de pseudônimos masculinos, com o propósito de evitar discriminações. Como podemos perceber em seu livro intitulado *O morro dos ventos uivantes* (1847), Emily Brontë fez uma crítica à sociedade quando retratou a protagonista em crises de histeria por não poder se casar com um homem de classe inferior e de pele escura (SOUSA; DIAS, 2013, p. 150).

Apesar de não ter sido incluída nesse grupo, a poetisa portuguesa Florbela Espanca pode ser considerada um exemplo de mulher que transgrediu. No início do século XX ela escrevia poesias muitas vezes em tons eróticos e com temáticas consideradas uma afronta para sociedade em que vivia. A escritora foi alvo de muitas críticas devido a sua obra poética, mas também devido sua vida pessoal em que demonstrava sua não subordinação feminina.

## 2.2 O FEMINISMO E SUA INFLUÊNCIA NA LITERATURA

Conforme Duarte (2003, p.151), o feminismo é atualmente uma palavra que envolve grandes preconceitos, principalmente no Brasil – o que acabou deturpando a palavra no senso comum e fazendo com que muitas mulheres não sentissem orgulho do movimento. Em muitas ocasiões, quando o assunto entra em pauta, o que se afirma – de maneira equivocada - é o feminismo como um movimento que exclui os homens, que os menospreza ou que se utiliza de algumas situações para se “promoverem”. Se pensarmos que o movimento feminista colaborou para que as mulheres tivessem representação no mercado de trabalho, direito ao voto, ao acesso à universidade e, dentre outras conquistas, colaborou para transformar a relação entre homens e mulheres, é quase inaceitável que exista tamanho preconceito arraigado na palavra. Segundo Constância Duarte (2003, p. 151),

A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal amada, machona, feia e, a gota d'água, o oposto de "feminina".

Por isso, muitas mulheres escritoras, talvez por medo de rejeição ou de ficarem mal vistas, evitaram intitular-se feministas. A partir disso, muitas mulheres de novas gerações acabam por não conhecer a história do movimento, as pioneiras e as principais lutas, propiciando o crescimento do preconceito por meio do desconhecimento.

Este movimento pode ser dividido em três ondas. A primeira vai desde as últimas décadas do século XIX até as primeiras do século XX, período que compreendeu a luta das mulheres por direitos humanos e a defesa das sufragistas pelo direito ao voto feminino. A literatura feminina teve um marco com a publicação do livro *A vindication of the rights of woman*, escrito por Mary Wollstonecraft, em 1792. Na obra, Mary defendia o direito à educação para as mulheres além da igualdade entre os gêneros. Essa publicação já demonstra as mudanças ocorridas nos anos de 1920 em que ocorreu o começo da escrita literária feminina. No começo do século XX, Virginia Woolf destacou-se com a obra *Um teto todo seu* (1980) que atribui a frágil participação da mulher na literatura devido às suas condições materiais, ao pouco acesso à educação e às experiências de vida e renda (BONNICI *apud* ZINANI, 2011, p. 412).

Segundo Duarte (2003, p.153), no Brasil só houve uma legislação para autorização e criação de escolas para mulheres em 1827. Antes disso, elas eram colocadas em conventos ou, para as que tinham uma situação econômica mais favorável, os estudos eram concentrados nas poucas escolas particulares e no estudo em casa. Apesar disso, as prendas domésticas eram muito mais valorizadas. Foram essas mulheres que receberam educação desde cedo que começaram a publicar livros, abrir escolas e a disseminar o conhecimento obtido para as demais mulheres. Um exemplo disso é Nísia Floresta Brasileira Augusta que traduziu livremente o livro de Mary Wollstonecraft, que defendia o respeito às mulheres e as reconhecia pela inteligência. No livro ela retrata a mulher e o homem com diferenças biológicas, mas que ao se falar da alma podem ser considerados iguais. Para muitos, Nísia foi apenas uma tradutora

convencional desses livros, porém Duarte (2003, p.154) insiste em dizer que a escritora assimilou as concepções estrangeiras e conseguiu trazer essa realidade aplicada para a sociedade brasileira baseadas em suas experiências.

A segunda onda feminista teve início com a publicação de *O segundo Sexo*, de Simone Beauvoir, em 1949, em que a escritora reflete de forma memorável que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Nesse período, há um grande descontentamento da mulher após a segunda guerra e a escrita feminina torna-se muito crítica com a contribuição de Kate Millett, cuja obra *Sexual Politics* discute a relação de poder entre os sexos. Em 1980, é possível destacar Elaine Showalter autora de *A crítica feminista no território selvagem*, que discutiu as problemáticas feministas com duas abordagens: a ideológica - que se refere à leitora - e a segunda, que se refere à escritora e seus estilos, modo de escrever femininos e temas abordados. Showalter abriu possibilidade para uma pesquisa e análise significativa a fim de resgatar publicações do fim do século XIX e início do século XX (ZINANI, 2011, p.412).

A terceira onda feminista surgiu em 1990 nos Estados Unidos e apresenta reivindicações mais amplas do que a da segunda onda, pois englobou a conscientização da mulher negra, do pós-colonialismo, teoria crítica e autoestima sexual, já que a sexualidade também é uma modalidade do poder. Segundo Bonnici,

Feministas marginalizadas, anteriormente, contribuem para estabelecer a identidade dessa onda que acredita ser a contradição e a negociação das diferenças uma das características mais significativas do feminismo contemporâneo. Essas posições, no entanto, não são aceitas pelas feministas da Segunda Onda, que criticam uma “imagem distorcida do feminismo transmitidas pela mídia” (BONICCI, apud ZINANI, 2011, p.413).

Para Duarte (2003, p.156), há uma classificação diferente das ondas feministas. No Brasil, a segunda onda tem início em 1870 quando já havia vários jornais nitidamente feministas. Segundo a autora, esta fase pode ser considerada mais jornalística do que literária. O jornal *O sexo feminino*, de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, teve seu início em Minas Gerais e posteriormente circulou no Rio de Janeiro e publicava artigos alertando as mulheres que o “grande inimigo” era a “ignorância de seus direitos”. Diniz, juntamente com sua filha, fundou escolas para moças assim como outros

jornais. Depois da proclamação da República, sua filha Elisa Diniz Machado Coelho, mudou o nome do jornal para *O quinze de novembro do sexo feminino* em que defendia com maior destaque o direito das mulheres em relação ao trabalho e ao estudo. Outro manifesto em relação à situação das mulheres foi a encenação da peça *O voto feminino*, em 1878, por Josefina no Teatro Recreio, Rio de Janeiro. A peça, depois publicada como livro, fez com que a autora fosse uma das primeiras mulheres a defender o voto feminino e o direito à cidadania.

No Brasil, a terceira onda é considerada por Duarte (2003, p. 160) o período em que as mulheres lutaram pelo direito ao voto, ao estudo superior e à ampliação do mercado de trabalho, pois elas não queriam trabalhar somente como professoras, mas também no comércio, hospitais e na indústria, por exemplo. Para ela, ainda há no Brasil uma quarta onda iniciada em 1975 com reivindicações voltadas à educação sexual e a mulher na literatura.

É possível perceber vários avanços durante décadas de luta para a melhoria da vida das mulheres. Porém, sempre houve a resistência masculina para dizer ao contrário, já que para eles as mulheres não conseguiriam manter o casamento e cuidar dos filhos e ao mesmo tempo ter uma profissão (DUARTE, 2003, p.158).

No que diz respeito à representação social da figura feminina, é possível relatar que é construída e estabilizada em processos definidos pela história e cultura. Essas formas de representação foram cristalizadas em forma de texto, conforme afirma Níncia Cecília Teixeira (2008, p. 28):

É possível associar as representações às ordens de discurso a que estão genealogicamente relacionadas, e também, a outros discursos que circulam na sociedade. As práticas discursivas, além de sua dimensão constitutiva na construção social da realidade, constituem também ação social.

Portanto, os discursos eternizados em forma de literatura também colaboram para as ações que provém deste texto assim como a cultura e a história influenciam nas escolhas e ações das pessoas.

### 2.3 A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DO FEMINISMO

Como foi visto anteriormente, as mulheres foram historicamente subjugadas pelos homens e depois de muito tempo tiveram acesso ao estudo. Só a partir de então começaram a expressar-se. Depois de muitas críticas ao movimento feminista e todas as polêmicas presentes nesse assunto, podemos dizer que muitos processos foram envolvidos ao final de cada marco desse movimento. Uma delas é a crítica feminista, iniciada entre as décadas de 1960 e 1970, com a qual é possível compreender como o texto literário está marcado pelas diferenças de gênero (SOUSA; DIAS, 2013, p.160). Antes do seu desenvolvimento, muitas mulheres já tinham se manifestado textualmente com ideias transgressoras para a época, como foi o caso de Florbela Espanca que viveu no começo do século XX.

Segundo Ramalho (2001, p. 111), desde o berço aprendemos que existem dois sexos que constituem a sociedade de direitos e deveres: o forte, que providencia, e o fraco que é objeto da providência. Bourdieu (2002, p. 22) faz outra diferenciação: o dominante e o dominado. Segundo ele, quando o dominado tem pensamentos e atitudes que se baseiam nas mesmas estruturas que lhe são impostas há a naturalização de sua submissão. Segundo Colling (2004, p. 14), a história foi construída como resultado de interpretações e representações fundamentadas nas relações de poder. Os discursos reproduzidos pela sociedade médica e pedagógica, com sua hipótese ginecológica criaram o que é atualmente a maternidade, o psiquiátrico histerificou o corpo feminino e também a moral, a filosofia e a arte produziram a mulher como alguém definido pelo outro - o homem (idem, 2004, p.26).

Foi em nome da alteridade feminina, foi em nome da oposição masculino/feminino que as mulheres se viram confinadas em seu papel maternal e doméstico. Como o corpo é o primeiro lugar da inscrição, a sociedade sempre leu, encarou a mulher a partir de seu corpo e de suas produções, fechando-a na reprodução e na afetividade. A natureza- menstruação, gravidez, parto, etc., - destinava as mulheres ao silêncio e à obscuridade, impossibilitando-as de outras formas de criação (COLLING, 2004, p. 16)

Bourdieu (2002, p. 24) afirma que a diferença dos órgãos sexuais masculino e feminino provém da construção social que se baseia na visão androcêntrica de mundo fundamentada nos estatutos sociais atribuídos ao homem e a mulher. Tendo como referência apenas uma diferenciação

biológica, ela passa a ser legitimada pela relação de dominação de um gênero sobre outro. Além disso, em muitos momentos o corpo feminino foi usado como objeto de manifestação dessa submissão como na postura ideal que deveriam ter, com olhos baixos, sorriso no rosto e aceitando as interrupções que eram feitas. Para as mulheres, o modo de vestir também revela sua feminilidade que sempre é medida pelo pouco que mostra; os acessórios que usam foram pensados para que tivessem uma bolsa nas mãos impedindo alguns movimentos assim como as saias que dificultam abaixar-se para pegar alguma coisa além da preocupação em mantê-la no lugar certo para que não apareça nenhuma outra parte do corpo. Para elas, até mesmo o modo de sentar possui algumas regras, já que não se pode abrir muito as pernas e mostrar “o que não deve”. Já os homens tiveram cada vez mais locais de manifestação de seu corpo, sobretudo em locais públicos (idem, p. 39-40).

Apesar da constatação desse cenário histórico, é importante observar que a sociedade vem passando por grandes mudanças culturais e sociais, o que inclui as relações de gênero. Com a inserção da mulher como escritora - e não somente como personagens - percebeu-se que a literatura não serve apenas para representar a sociedade, mas que ela também recria e redimensiona essa sociedade podendo ou não reforçá-la. Portanto, a obra literária ficcional se alimenta do mundo real, interpretando e refletindo ideias presentes neste mundo. Essa necessidade surge a partir do momento em que as mulheres precisam de representação e que requerem o rompimento de padrões socialmente institucionalizados (TEIXEIRA, 2008, p.30).

Em muitos momentos essas escritoras foram alvo de julgamentos, tanto no que diz respeito à vida pessoal (para maldizer a escrita e gerar boatos), como no próprio conteúdo dessa escrita. Podemos exemplificar isso no caso da escritora Emily Dickinson, cuja capacidade de concentração poética era elogiada por sua determinação “masculina”, digna da esfera pública. Por outro lado, a tímida delicadeza “feminina” de poeta - que relatava assuntos da intimidade e do doméstico - eram identificadas com a esfera privada (RAMALHO, 2001, p. 110).

Segundo Ruth Brandão (apud TEIXEIRA, 2008, p. 31), em obras ficcionais a figura feminina é representada a partir do registro masculino,

portanto é produto de uma concepção alheia e que a ficção torna possível. Por isso é legítimo dizer que muitas vezes a literatura serviu como instrumento do feminismo, pois com as palavras no papel as mulheres conseguiram se impor dentro de um mercado respaldado por ideias masculinas.

É possível inferir que a inclusão da mulher tanto na vida social como na literatura passa por um processo de renovação da própria identidade e que na literatura as mulheres estarão lutando cada vez mais pela conquista de novos espaços, igualdade e reconhecimento, mas, sobretudo da reformulação da identidade feminina na sociedade (TEIXEIRA, 2008, p. 33).

Neste caso, podemos citar Florbela Espanca que, através de valores feministas buscava expressar seus maiores e mais íntimos desejos em forma de poesias. Silva (2013, p.58) dá como exemplo o trecho do poema *Charneca em Flor* que foi publicado na *Revista Europa*, em 1925:

—E, já não sou, Amor, Sórora Saudade...  
Olhos a arder em êxtases de amor,  
Boca a saber a sol, a fruto, a mel:  
Sou a charneca rude a abrir em flor!

Silva (2013,p, 58) observa que a charneca é uma flor da região do Alentejo que passa a maior parte do ano escondida e que na primavera floresce com toda sua cor e vida transmitindo afago e sedução aos olhos de quem vê.

### 3 VIDA E OBRA DE FLORBELA ESPANCA

#### 3.1 A VIDA DE FLORBELA

Florbela D'Alma da Conceição Espanca nasceu no dia 8 de dezembro de 1894 na cidade de Vila Viçosa, região do Alentejo, Portugal. Ela foi fruto de uma relação extraconjugal entre João Maria Espanca e sua empregada doméstica Antônia da Conceição Lobo. Por sua vez, Antônia foi abandonada por seus pais na infância, vindo a ser criada por uma senhora que trabalhava nos correios de Vila Viçosa. Devido sua condição social, Antônia teve renegados vários direitos como o de ser mãe, de ter uma família, um marido e de ser mulher. Sempre viveu subjugada pelos homens e, talvez (mesmo que de forma inconsciente), Florbela não queria espelhar-se na vida que sua mãe teve e por isso lutava para não ser um objeto nas mãos masculinas (SILVA, 2009, p.127).

Desde o começo, Florbela foi inserida em um contexto familiar conturbado. Sua mãe a registrou como “filha de pai incógnito” mesmo conhecendo seu pai e tendo sido criada por ele e sua madrasta, Mariana do Carmo Ingleza, que não podia dar a João Espanca os filhos que ele desejava. O mesmo destino teve seu irmão, Apeles Espanca que nasceu da relação entre seus pais no dia 10 de março de 1897 (PACHECO, 2012, p 11).

Segundo Silva (2011, p. 301), Florbela e seu irmão sempre tiveram uma boa relação, correspondiam-se em cartas e o amor era tão grande que muitos autores e críticos consideram esse amor incestuoso. Essas acusações vêm à tona depois de sua morte e o autor considera essa afirmação uma falácia, pois não viu nessas cartas nada além de uma linda demonstração de carinho.

Em 1908 sua mãe faleceu, o que causou grande tristeza em Florbela, que com sua pouca idade escreveu seu primeiro conto, em homenagem a ela. Em 1912, a família se muda para Évora para que Florbela comece seus estudos no Liceu da cidade. É preciso salientar que ela foi uma das primeiras mulheres da cidade a ingressar no ensino secundário, o que não era bem visto pela sociedade. É inegável dizer que, mesmo seu pai não a reconhecendo como filha no registro, sempre primou por sua formação escolar, pois sabe-se

que no final do século XIX e início do século XX a taxa de analfabetismo entre as mulheres em Portugal era alta (NUNES, 2014, p. 3).

Em 1913, Florbela casou-se com Alberto Moutinho, seu colega de estudos. Para isso foi necessária uma autorização judicial que atestava sua emancipação. Depois do casamento, Florbela e Moutinho mudaram-se para a cidade de Redondo. Por falta de condições de custear a vida, em 1917 o casal retornou a Évora para morar com João Maria Espanca. Não contente com sua formação, a poetisa decide mudar-se novamente para ingressar na Faculdade de Direito, em Lisboa. Segundo Mat'ova (2012, p.4), Florbela era uma das quatorze alunas entre trezentos e quarenta estudantes matriculados, frequentou três anos do curso mas não chegou a terminá-lo. O marido era contra ela progredir nos estudos, mas Florbela estava encantada demais com Lisboa e decidiu permanecer na cidade. Alberto Moutinho recebeu uma proposta de emprego e foi trabalhar na região turística do Algarve. Em 1918, Florbela sofreu um aborto involuntário, o que acabou fragilizando sua saúde e desgastando a relação (SILVA, 2009, p.130).

Nesse meio tempo, Florbela conheceu o alferes da artilharia António Guimarães, por quem se apaixonou perdidamente. No dia 30 de abril de 1921, pediu divórcio alegando descontentamento e desgaste na relação. Na época, as mulheres tinham o direito de divorciar-se apesar da sociedade reprovar a atitude: o correto era casar-se e ficar em casa cuidando dos filhos. Porém, Florbela não desejava esse futuro para si. Assim, casou-se com António Guimarães em 29 de junho de 1921, sendo necessária uma autorização da hierarquia militar. No começo do relacionamento, Florbela e António trocavam cartas de amor. Entretanto, seu marido era acostumado à disciplina militar, tinha uma personalidade violenta e rude fazendo com que não compreendesse a maneira como Florbela gostava de viver sua vida. Segundo Silva (2009, p. 131), durante a maior parte do período que viveram juntos, António Guimarães fez com que a vida de Florbela fosse infeliz, chegando ao ponto de bater na escritora. Em 1923 que Florbela teve seu segundo aborto, ocasionando piora em sua saúde, tendo que recorrer ao médico Mário Lage.

Depois de recuperar-se, pediu o divórcio pela segunda vez - o que foi decretado em 23 de junho de 1925. Essa situação influenciou negativamente a

família de Florbela perante a sociedade, o que acabou prejudicando a sua relação com o pai e o irmão, pois acabaram por não conversarem durante os próximos dois anos. No dia 15 de outubro de 1925 Florbela Espanca e Mário Lage casaram-se no civil e em 29 de outubro ocorreu o casamento religioso. Depois do casamento mudaram-se para a cidade de Matosinhos onde moraram com os pais de Mário Lage (SILVA, 2009, p.131).

Em 1927, Apeles Espanca, então primeiro tenente da marinha portuguesa, morreu em um grave acidente quando o hidroavião que pilotava caiu no mar. Destroços do avião foram encontrados, mas o corpo de Apeles não. Para Rui Guedes, no entanto, existiu a suspeita de suicídio:

A morte do oficial aviador talvez não tenha sido um acidente, visto que, alguns meses antes do ocorrido, abalado pela morte de sua noiva Maria Augusta de Vasconcellos, em janeiro de 1926, Apeles enviou a Florbela uma carta a qual anunciava sua intenção de cometer suicídio (GUEDES apud PACHECO, 2012, p.14).

Após este episódio, Florbela concentrou seu tempo na escrita de poemas dedicados ao irmão. Em um quadro depressivo profundo, reforçado pelo diagnóstico de um edema pulmonar, tentou suicídio três vezes num curto período de tempo. Assim, no dia 8 de dezembro de 1930, quando completava seu 36º aniversário, suicidou-se com uma grande dose do sonífero Veronal, em Matosinhos – cidade em que morava. A poetisa deixou uma carta confidencial onde descrevia o desejo de ser enterrada junto com os restos do avião pilotado por Apeles. Desde 17 de junho de 1964 seu corpo encontra-se no cemitério de Vila Viçosa, sua cidade natal (PACHECO, 2012, p. 15).

Após 19 anos da morte de Florbela Espanca, seu pai a reconheceu formalmente, quando um grupo influente de pessoas fez o pedido a João Espanca (MAT'OVÁ, 2012, p.2). Neste mesmo ano, em Évora “os críticos passaram a ter conhecimento de sua existência como resultado da repercussão da controvérsia sobre a instalação do busto em sua homenagem” (SOARES, 2008, p.32).

### 3.2 A OBRA E SUAS PRINCIPAIS TEMÁTICAS

Desde muito cedo Florbela já sentia a necessidade de externar seus sentimentos em forma de poesia. Segundo Pacheco (2012, p.11), ela escreveu seu primeiro poema aos sete anos, intitulado como *A Vida e a Morte*, o que demonstra tamanha sensibilidade para uma menina tão jovem. Posteriormente aprofundaremos a temática da morte e faremos uma breve análise do poema. Cinco anos depois, após o falecimento de sua mãe, Antônia da Conceição Lobo, Florbela escreveu seu primeiro conto intitulado *Mamã* (GUEDES *apud* NUNES, 2014, p.4).

Em 1916, Florbela organizou o projeto intitulado *Trocando Olhares*, que contém 88 poemas e 3 contos (PACHECO, 2012, p.12). Estes poemas serviram para impulsionar a criação de mais duas obras, o Livro de Mágoas e o Livro de Sóror Saudade.

Florbela Espanca tornou-se conhecida por seus diversos sonetos, mas autora também escreveu dois livros de contos: um dedicado ao irmão chamado *As máscaras do destino* (póstumo) e outro intitulado *Dominó Preto* (póstumo). Além desses livros, há o *Diário do Último ano* e diversas cartas destinadas a diferentes pessoas. Porém apenas três títulos foram publicados ou organizados em vida: *Livro de Mágoas* (1919), que foi publicado com a ajuda financeira do pai, *Livro de Sóror Saudade* (1923) e *Charneca Em Flor* (1931). Este último, apesar de publicado um ano após sua morte, já vinha sendo preparado desde 1927 (SILVA, 2009, p.133).

Segundo Pacheco (2012, p.14), depois da morte do irmão e de uma consequente depressão, Florbela recuperou um pouco do entusiasmo a partir do contato de Guido Batelli, professor italiano da Universidade de Coimbra, interessado na publicação de um livro de poesias. É por isso que há várias outras publicações póstumas, que em sua maioria foram organizadas por Batelli e também reveladas pelo seu marido, Mário Lage.

### **3.2.1 O amor na poesia de Florbela**

O amor sempre se fez presente na poética de Florbela. Em alguns momentos era avassalador, em outros ela mostrava-se impossibilitada de

encontrar o amor que tanto desejava. No poema *Amar!*<sup>1</sup>, percebe-se a busca incessante pelo sentimento, ao mesmo tempo em que demonstra a incerteza de que, mesmo depois de encontra-lo, fosse possível durar toda a vida.

Eu quero amar, amar perdidamente!  
 Amar só por amar: Aqui... além...  
 Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente  
 Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
 Prender ou desprender? É mal? É bem?  
 Quem disser que se pode amar alguém  
 Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:  
 É preciso cantá-la assim florida,  
 Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada  
 Que seja a minha noite uma alvorada,  
 Que me saiba perder... pra me encontrar...

Segundo Pacheco (2012, p.27), há representada neste soneto uma mulher livre das imposições sociais e que expressa sua vontade de amar várias pessoas sem ter de se prender a uma só. Para o autor, quando Florbela ressalta que “há uma primavera em cada vida” a autora se referiu à juventude, e que assim quis representar uma mulher sensual e ardente.

Como relata Nunes (2014, p.8), alguns momentos Florbela demonstrava desprendimento, em outros poemas, principalmente em suas primeiras obras como *Trocando Olhares* e *Livro de Mágoas*, a poetisa demonstrava ser uma escrava do amor, como podemos ver abaixo em trechos do poema *Súplica II*:

Vem para mim, amor...ai não desprezes  
 A minha adoração de escrava louca!  
 Só te peço que deixes exalar  
 Meu último suspiro na tua boca!

Segundo Nunes (2014, p.8), a poetiza representou-se como uma escrava do amor que entrega seu sentimento sem receber nada em troca, que sugestiona o que ocorria com as mulheres da época.

O amor para Florbela sempre foi um sentimento arrebatador, sendo representado de forma positiva ou negativa. Seus poemas eram intensos, o

---

<sup>1</sup> O poema se encontra no livro *Charneca em Flor*.

que demonstra a forma como vivia e que conseguia passar de forma sublime para o papel. No trecho do poema *Fanatismo*<sup>2</sup>, podemos perceber essa intensidade e a forma como ela se entregava em suas relações amorosas.

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida  
 Meus olhos andam cegos de te ver!  
 Não és sequer razão de meu viver,  
 Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...  
 Passo no mundo, meu Amor, a ler  
 No misterioso livro do teu ser  
 A mesma história tantas vezes lida!

Tudo no mundo é frágil, tudo passa...  
 Quando me dizem isto, toda a graça  
 Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, vivo de rastros:  
 "Ah! Podem voar mundos, morrer astros,  
 Que tu és como Deus: princípio e fim!..."

Ao contrário do poema *Amar!*, nesse, a autora expressa toda sua devoção por outra pessoa e relata acreditar que o amor não dura para sempre, mesmo algumas pessoas dizendo ao contrário. Além disso, ela se coloca como um ser que está abaixo da pessoa amada, está sempre a segui-lo, chegando até mesmo a encará-lo como um Deus em que nada mais importa senão ele. Vê-se, portanto, Florbela não tinha nenhum modo único de expressar-se nem de colocar-se no poema.

### 3.2.2 O erotismo na obra florbeliana

O erotismo é um assunto que sempre foi pautado por escritores tanto do gênero feminino como do masculino. Lúcia Castello Branco ressalta que muitos críticos acreditam que a linguagem erotizada vem do gênero feminino, e que esta é diferente da linguagem racionalizada masculina. No entanto, a autora acredita “que tanto a frivolidade e a racionalidade da linguagem quanto a linguagem erotizada ou erótica são passíveis de serem encontradas em obras de autores masculinos e femininos” (BRANCO *apud* SOARES, 2008, p. 105).

---

<sup>2</sup> O poema encontra-se no Livro de Soror Saudade.

Segundo Eileen O'Neill (*apud* SOARES, 2008, p.106), com base em teorias feministas mais atuais o erótico expressa a excitação sexual, não necessariamente ele provoca essa excitação no leitor. Se ela ocorrer, é algo posterior, não é necessário para que o escritor se sinta satisfeito. Na obra *Florbeliana*, podemos perceber que o erotismo, tanto quanto o amor, é uma temática muito presente.

Saiba-se, portanto, o que foi Florbela para o salazarismo: o anti-modelo do feminino, da concepção de mulher – e nisto reside, sem dúvida, a força mais primária da sua obra, cuja lucidez indomável questiona, insurrectamente, a condição feminina e os históricos papéis sociais conferidos à mulher (DAL FARRA, 2002, p.93).

Diante disso, podemos perceber que somente por ser uma mulher escrevendo sobre o erótico, Florbela era transgressora. Muito se falou com o intuito que a reputação de Florbela fosse prejudicada, como é o caso de sua possível relação incestuosa. Também quiseram prejudicá-la ao maldizer seus divórcios. Segundo Dal Farra (2002, p.96), para os detratores da vida de Florbela o eu lírico apresentava várias nuances da declaração de cio da mulher que sabotava a Constituição Portuguesa. Do mesmo modo, o erótico encontrado em sua poética era insuportável à sociedade salazarista<sup>3</sup>.

A autora também ressalta que no começo de sua obra o erotismo era manifestado de forma comedida e que somente no seu último livro, *Charneca em Flor* pôde ser percebida a temática com maior fervor, como no poema *Nervos D'Oiro*:

Meus nervos, guizos de oiro a tilintar  
Cantam-me n'alma a estranha sinfonia  
Da volúpia, da mágoa e da alegria,  
Que me faz rir e que me faz chorar!

Em meu corpo fremente, sem cessar,  
Agito os guizos de oiro da folia!  
A Quimera, a Loucura, a Fantasia,  
Num rubro turbilhão sinto-As passar!

O coração, numa imperial oferta,

---

<sup>3</sup> A sociedade era chamada de salazarista devido ao governo de Antônio de Oliveira Salazar, ditador que fundou e liderou o Estado Novo, regime político autoritário e corporativista, num período de 41 anos. O Estado Novo foi derrubado em 1974 pela Revolução de 25 de abril. (BARROS, 2012, p.12)

Ergo-o ao alto! E, sobre a minha mão,  
É uma rosa de púrpura, entreaberta!

E em mim, dentro de mim, vibram dispersos,  
Meus nervos de oiro, esplêndidos, que são  
Toda a Arte suprema dos meus versos!

De acordo com Dal Farra (2002, p.98), os nervos juntamente com o coração são para Florbela os condutores de todas suas emoções, sendo assim o aparelho sensitivo que produz seus versos. Portanto, para Florbela os nervos nada seriam sem o coração, que é identificado por ela como o centro das moradas interiores.

Para Soares (2008), Florbela não colocou no papel somente suas experiências de vida, mas sim as de pessoas que conheceu ou até mesmo imaginou. Segundo ela, "a experiência erótica situa-se em algum lugar entre o sonho e a vida cotidiana. Tal experiência, movida pelo desejo, ignora vergonha e limites. Mesclam-se, nela, prazer e poder, dor e amor" (idem, p. 111).

No poema *Passeio ao campo*<sup>4</sup>, transcrito abaixo, percebemos uma mulher sensual e que deseja viver intensamente os momentos que passa junto ao seu amado.

Meu Amor! meu Amante! Meu amigo!  
Colhe a hora que passa, hora divina,  
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!  
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...  
Pele doirada de alabastro antigo...  
Frágeis mãos de madona florentina...  
- Vamos correr e rir por entre o trigo! –

Há rendas de gramíneas pelos montes...  
Papoilas rubras nos trigais maduros...  
Água azulada a cintilar nas fontes...

E à volta, Amor... tornemos, nas alfombras  
Dos caminhos selvagens e escuros,  
Num astro só as nossas duas sombras!...

No terceiro verso do poema, Florbela relata "*Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!*" referindo-se ao tempo que os amantes passarão juntos e que desfrutarão de um momento íntimo. Nesta estrofe, fica explícito os desejos de uma mulher erótica e que deseja seu amado, algo que era indigno de uma

---

<sup>4</sup> O poema encontra-se no livro *Charneca em Flor*.

mulher expressar no começo do século XX. Além disso, no poema, ela expressa sua juventude e tem orgulho de dizer que pertence ao sexo feminino e do belo corpo e da pele dourada que possui. Há ainda expresso na poesia o romantismo dos passeios nos campos de trigo, das gramíneas pelos montes, da água azulada a cintilar nas fontes e das papoilas, flores que possuem a cor vermelha, indicando o fervor do desejo e amor que os dois compartilham.

### 3.2.3 A temática da morte na poesia de Florbela

Em vários momentos, Florbela dedicou-se a escrever sobre a temática da morte. Em sua vida, houve momentos tristes que a levaram a depressão, abortos involuntários e até mesmo sua relação com a família foi conturbada. Quando Florbela, aos oito anos, escreveu seu primeiro poema intitulado *A vida e a morte*, a temática já estava presente. O que é peculiar nesse texto é que a morte é apresentada de forma positiva. No poema, a vida é a infernal inimiga e a morte a guarida (MAT'OVÁ, 2012, p.17). Vejamos:

O que é a vida e a morte  
 Aquela infernal inimiga  
 A vida é o sorriso  
 E a morte da vida a guarida

A morte tem desgostos  
 A vida tem os felizes  
 A cova tem a tristeza  
 A vida tem as raízes

A vida e a morte são  
 O sorriso lisonjeiro  
 E o amor tem o navio  
 E o navio o marinheiro.

No seu primeiro livro intitulado *Livro de Mágoas*, a dor, a mágoa, a saudade, as sombras e o sofrimento são os sentimentos mais presentes. Segundo Barros (2012, p.49), Florbela expressava sua tristeza em relação à vida. A poetisa teve grandes perdas em sua vida e por isso essa temática teve força em toda sua obra. Neste trecho do poema *Eu...* podemos perceber que a dor de existir permeia sua vida e que por isso ela atesta que sua alma está de luto:

Eu sou a que no mundo anda perdida,  
 Eu sou a que na vida não tem norte,  
 Sou a irmã do sonho, e desta sorte  
 Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tenue e esvaecida,  
 E que o destino amargo, triste e forte,  
 Impele brutalmente para a morte!  
 Alma de luto sempre incompreendida!...

Além disso, a escritora relata que é incompreendida pelos outros e se coloca lugar de uma pessoa crucificada, ou seja, pecadora, injustiçada. Esses versos denotam seu sofrimento perante a sociedade devido ao modo como vivia e escrevia.

Depois do acidente trágico de seu irmão, Florbela dedicou sua escrita a homenageá-lo. Disso surgiu o livro de contos *As Máscaras do Destino*, onde a morte é tema constante. Mat'Ová (2012, p.22) cita uma passagem da dedicatória do livro: *A meu irmão, ao meu querido Morto. Este livro é de um Morto, este livro é o livro do meu Morto.*

Assim, Florbela refletiu sobre a morte em muitos momentos de sua obra, até mesmo na infância o que é algo bastante profundo. Em vários trechos a morte se mostra acalentadora, sendo esta a representação mais presente. No poema *À Morte*<sup>5</sup>, fica evidenciado este sentimento e demonstra também que Florbela já estava cansada de viver.

Morte, minha Senhora Dona Morte,  
 Tão bom que deve ser o teu abraço!  
 Lânguido e doce como um doce laço  
 E como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte  
 Tua mão que nos guia passo a passo,  
 Em ti, dentro de ti, no teu regaço  
 Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte dos dedos de veludo,  
 Fecha-me os olhos que já viram tudo!  
 Prende-me as asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,  
 Má fada me encantou e aqui fiquei

<sup>5</sup> O poema encontra-se no apêndice da segunda edição de Charneca em Flor, intitulada *Reliquiae*. Com o sucesso da 1ª edição de Charneca em Flor, Guido Batelli publicou uma 2ª edição com um compilado de poemas que encontrou depois da morte da poetisa, mas que não foi organizado por ela para publicação. (SILVA, 2009, p.137)

À tua espera... quebra-me o encanto!

Segundo Mat'Ová (2012, p.19), o poema diz respeito ao conto de fadas *Bela Adormecida*, só que desta vez a princesa está presa em vida e por isso precisa de que a Dona Morte quebre o encanto e a faça morrer para sentir-se confortada.

#### 4 JUSTIFICATIVA EXPERIMENTAL

Sabe-se que, no começo do século XX, a maioria das mulheres sequer sabia ler e, por isso, muitas delas não eram estimuladas a escrever e a participar de discussões intelectuais. Depois da passagem de anos, as mulheres foram conquistando seu espaço na sociedade e na literatura e a situação mudou consideravelmente.

Porém, quando se fala em igualdade de gênero na literatura podemos ressaltar que este espaço ainda é maior para os homens. Segundo Soares (2008, p. 16), as mulheres leem um texto com base em formulações masculinas, pois as mulheres são educadas assim. Quando uma mulher lê um texto, seja escrito por qualquer gênero, ainda há a percepção deste texto de forma masculina. Ler como mulher e com base em suas vivências e concepções apresenta um conflito com a percepção de questões masculinas e esse é um tema de interesse da crítica feminista.

Na perspectiva da escrita, Zinani (2011, p. 8) relata que as mulheres constroem um texto com base no homem, o que a torna refém de um sistema de gênero instituído. A partir disso, a crítica feminista aponta para uma leitura em que o projeto crítico também valorize as construções históricas da mulher.

Assim como as leitoras eram estereotipadas por sua leitura voltada a romances no fim do século XIX, as escritoras também ocupavam o lugar de mulheres marginalizadas pelo fato de retratarem temas amorosos e domésticos. Por isso, os romances femininos não foram considerados sérios por um longo tempo de tradição literária masculina (BELLIN, 2011, p. 3).

Atualmente, a literatura (e mais precisamente a poesia) não está presente na sociedade como no passado, pois o suporte tecnológico utilizado para tal é diferente. Com o avanço das tecnologias, nossas mentes são cada vez mais expostas a imagens. A televisão, a mídia exterior urbana, as mídias sociais e os aplicativos de smartphone estão aí para nos provar isso. Em contrapartida, os filmes foram criados para dar vida às histórias que antes eram contadas somente nos livros. Assim como a televisão não excluiu o rádio, a imagem não excluiu a literatura.

Segundo Sousa (2009, p. 37), se a linha que une imagem e texto foi se tornando cada vez mais tênue é porque começamos a perceber uma complementaridade entre eles. Assim, texto e imagem contribuem cada um à sua maneira para um objetivo maior que é a comunicação humana, e a vida necessita de uma comunicação polivalente.

Schøllhammer (2007, p. 7-8) afirma que muitas vezes a imagem é utilizada para ilustrar a palavra, em muitos momentos ela destaca algo que antes não era percebido. Ao encontro disso, o autor ressalta também que a palavra tem o poder de gerar uma imagem mental no momento da leitura. Essa imagem essencial é despertada tanto pela imaginação, que é fornecida pelas vivências da pessoa que lê, quanto pelas imagens culturais acumuladas pela sua formação como ser social. Ou seja, a todo o momento nossa vida é perpassada por imagens, sejam elas mentais ou não.

Diante destas reflexões e, ainda, diante do que foi possível refletir sobre as questões ligadas à mulher, a literatura e ao surgimento das causas feministas no Brasil e no mundo, torna-se necessário definir as adequações ao projeto experimental. Como pilar a literatura feminista, o projeto experimental teve como base poesias de Florbela Espanca. No trabalho, partimos do princípio que as imagens e o texto têm uma relação de complementaridade. Assim, as imagens visíveis são fonte de inspiração para a literatura, mas na literatura há a presença de imagens visíveis e não visíveis que se cruzam e resultam numa maior fonte de inspiração (SCHØLLHAMMER, 2007, p.10).

Assim, a proposta do experimento é reunir cinco mulheres que se consideram feministas para a produção de imagens fotográficas inspiradas nas suas percepções sobre a obra de Florbela. O foco do projeto está na produção de fotografias sem priorizar o aspecto técnico, mas sim a possibilidade de representar, a partir da imagem, suas percepções perante questões feministas presentes nas poesias. Nesse caso, a fotografia pôde ser considerada uma forma de arte, bem como de comunicação humana. Segundo Naves e Masiero (2007, p. 2), “a arte é posta numa dimensão que transcende a estrutura de um “olhar” cristalizado, extrapolando a dimensão da técnica pura e aderindo não só ao resultado fotográfico, mas em todo o ato, um estado de significação dotada de um sentido imanente”.

Barthes (2004, p. 144) vai ao encontro dessa afirmação quando reflete a importância da valorização do gesto em uma obra e não somente do produto. Ele dá como exemplo o artista Cy Twombly, que em suas obras demonstra grafismos, desenhos e rabiscos que passavam longe da caligrafia do século XVIII, mas que ao seu entender valorizava muito mais as alusões que gostaria de fazer. Segundo ele, a essência da escritura é um gesto comparado ao de despir uma calça num ato preguiçoso. De certa forma, o que se busca no projeto é que as fotografias feitas pelas mulheres sejam para elas algo simples e prazeroso, que este ato não seja algo que venha dificultar sua rotina. Além disso, busca-se valorizar o gesto delas ao se proporem a fotografar, não somente ao produto final em quesitos técnicos.

O objetivo do projeto era fazer com que as participantes conseguissem representar nas fotografias os sentimentos e reações que são próprias das suas experiências como mulheres. Bavcar (*apud* NAVES E MASIERO, 2007, p.3) expõe que não se deve falar a língua dos outros nem utilizar o olhar dos outros para representações que dizem respeito a si mesmos, pois se isso ocorre acabamos por existir a partir do outro. Ele ressalta que devemos existir por nós mesmos. Essa é uma busca que as mulheres estão cada vez mais empenhadas: fazer com que a sociedade as enxergue como pessoas capazes de falar por si mesmas, cientes do papel que possuem. Ademais, como o projeto tinha como objetivo refletir sobre o seu papel na sociedade e sobre a literatura, foi importante que essas mulheres se sentissem seguras e livres produzindo as fotografias. Barthes (2004, p. 161) relata que sempre que apreciamos uma pintura, escultura, moldura, etc. temos um momento em que a percebemos e que posteriormente recordamos aquilo que vimos, fazendo com que a “aventura” tenha nos mudado - o que, de certa forma, era uma possibilidade de acontecer com as participantes da pesquisa.

Entendemos que a contribuição do projeto estava primeiramente na divulgação da obra de Florbela Espanca, tendo em vista sua relevância para a literatura portuguesa e sua pequena disseminação no Brasil. Além disso, não são muitos os trabalhos que refletem a aproximação de seus textos com as reivindicações feministas. Do ponto de vista metodológico, entendemos que o

projeto também colaborou com os trabalhos da área ao experimentar a construção de representações imagéticas a partir da inspiração poética.

Nesse aspecto, é importante apontar que nossa intenção não estava na operacionalização técnica das fotografias, mas no processo de construção de sentido que se deu na releitura das poesias para a imagem. Como as imagens foram produzidas pelas participantes, a autora do projeto foi considerada o vetor da ação que outras mulheres elaboraram – apresentando a obra de Florbela e estimulando o grupo a refletir sobre a temática em suas produções.

#### 4.1 PASSOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista todas as justificativas apresentadas acima, foi decidido que um grupo de discussão seria o método mais adequado para que as mulheres pudessem expor suas opiniões e a partir disso sentirem-se à vontade para produzir as fotografias. O encontro foi realizado no dia 10 de agosto de 2016 na sala 604 do prédio da Antiga Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria, local considerado de fácil acesso às participantes. Com objetivo de deixar o ambiente mais descontraído, foi servido um bolo típico português acompanhado de um chá.

Participaram do encontro cinco mulheres que se consideram feministas, mas que não necessariamente integram algum movimento. Elas têm entre 20 e 25 anos, sendo que duas vieram para Santa Maria pela presença da Universidade Federal e as outras três nasceram na cidade e moram com os pais. As causas feministas foram chamando sua atenção devido a maturidade obtida com a chegada da vida adulta e a experiências vividas durante a adolescência. Abaixo expomos um perfil de cada uma das participantes como maneira de apresentá-las individualmente.

##### 4.1.1. Cecília<sup>6</sup>

Cecília é natural de uma cidade da região noroeste do estado e veio para Santa Maria para ingressar na Universidade Federal em um curso de comunicação. Tem 21 anos e sua família é de classe média alta. Segundo ela,

---

<sup>6</sup> Todos os nomes utilizados são fictícios buscando preservar a identidade do grupo.

passou a perceber-se feminista depois de outro processo, que foi assumir-se homossexual. Além disso, depois da mudança para Santa Maria começou a refletir sobre opressões que sofreu na sua cidade natal e que não queria vivê-las novamente. Na cidade de onde veio, estudou em um colégio administrado por irmãs da Igreja Católica. Sua família é composta por sua mãe (aposentada do sistema judiciário), seu pai (servidor público na inspetoria veterinária) e uma irmã mais velha formada em Direito. Ela considera que a irmã teve grande importância em sua vida, tanto por apresentar leituras sobre o feminismo como por participar do processo de aceitação de sua orientação sexual pelos pais. Eles sempre tiveram uma boa relação e a partir do momento que as irmãs começaram o ensino superior, o feminismo começou a ser pautado entre a família. Para Cecília, os estudos e sua participação no movimento LGBT prejudicam sua interação mais ativa com o movimento feminista.

#### **4.1.2. Margot**

Margot é natural de Santa Maria e também vem de uma família de classe média alta. Por isso, quando pequena estudou em colégios particulares - estes também eram administrados por irmãs da Igreja Católica. Ela tem 25 anos, formou-se em um curso de comunicação e é fotógrafa autônoma. Segundo ela, seus pais sempre tiveram uma mente aberta em relação a questões sociais e de gênero. Sua mãe é aposentada do serviço público e seu pai já faleceu, mas também trabalhava no setor público como professor universitário. Têm dois irmãos mais velhos, um deles é engenheiro mecânico e o outro é arquiteto.

Sua relação com o feminismo começou quando tinha 19 anos, mesmo período que ingressou num coletivo feminista. Atualmente considera-se pesquisadora já que é estudante de pós-graduação e não mais uma ativista como antes. “Hoje não consigo me imaginar como não feminista”, disse Margot.

#### **4.1.3. Maria**

Maria, assim como Cecília, vem de uma cidade do interior do estado e também estudou em um colégio administrado pela Igreja Católica. Além disso, elas compartilham da opinião de que a saída da casa dos pais possibilitou um

amadurecimento por parte delas. Maria tem 23 anos, é de classe média e mudou-se para Santa Maria em função de seu ingresso no ensino superior em um curso de ciências da saúde. Sua mãe é professora e seu pai é aposentado como auxiliar de engenho, além deles ela tem em uma irmã mais nova que é sua colega no curso. Segundo ela, já participou de dois coletivos feministas, mas atualmente afastou-se um pouco.

Para Maria, o fato de ter estudado em uma escola administrada pela Igreja Católica a levou a crer em várias atitudes que posteriormente percebeu não serem corretas. Do mesmo modo, acredita que o pensamento conservador foi predominante em sua formação considerando a pequena população da cidade em que viva.

#### **4.1.4. Duda**

Duda é natural de Santa Maria, tem 21 anos e é estudante de um curso na área de tecnologia. Ela é a caçula de uma família grande de classe baixa e por isso sempre estudou em escolas públicas. Tem dois irmãos e uma irmã, um deles é diretor de uma escola e o outro é frentista e entregador de pizza, ela é secretária. Sua mãe é empregada doméstica e seu pai é metalúrgico aposentado.

Sua mãe passou dificuldades devido seu pai ser um homem machista e muitas vezes agressivo. A partir dessa situação, passou a não ter contato com ele e a considerar-se feminista, mesmo não lendo muito sobre o assunto ou participado como ativista de um coletivo. Seus irmãos acreditam que a atitude de seu pai era aceitável e isso vai totalmente contra seu pensamento. Em seu curso, que é majoritariamente masculino, ela percebe várias atitudes machistas; uma delas ocorre quando um grupo é composto somente por meninas e os professores dizem: “Gente, até elas conseguiram!” ou “Nenhum menino daria certo no grupo de vocês?”.

#### **4.1.5. Roberta**

Roberta também é natural de Santa Maria e sempre estudou na cidade. Tem 20 anos e pertence a uma família de classe média baixa. Sua mãe é estudante de um curso da área das ciências sociais assim como ela; seu pai é

funcionário público dos Correios. Além deles sua família é composta por uma irmã mais nova, estudante do ensino fundamental. Ela e mãe ingressaram no curso superior juntas e, em função disso, percebeu uma grande mudança no pensamento e nas atitudes tanto dela como da mãe em relação ao feminismo e à desconstrução de vários conceitos considerados naturais até então. Passou a considerar-se feminista depois de ingressar no ensino superior e apoia esta e outras causas como a dos animais e do movimento LGBT, mas não participa ativamente de nenhum coletivo.

Roberta acredita que a mudança de pensamento vinda do acesso ao curso superior teve influência inclusive no ambiente familiar. Nesse sentido, relatou que até mesmo sua avó (que tem mais de 70 anos) passou a pensar diferente e a não aceitar o machismo que a afetou tantos anos atrás.

#### 4.2. O GRUPO DE DISCUSSÃO

Os grupos de discussão segundo Thornton (2005, pg. 16-17), são a escolha adequada para quem deseja uma dinâmica de grupo, sem que haja necessariamente um consenso sobre os assuntos debatidos. A intenção é estimular a troca de conhecimento e opiniões das participantes. Normalmente o grupo é guiado por um mediador que realiza perguntas abertas possibilitando a fala natural das participantes, além de observar os ânimos e gestos que o grupo faz enquanto fala. Além disso, o número de participantes varia entre 5 a 12 pessoas, sendo um número menor ou maior considerado prejudicial à discussão. Devido a essas características, buscou-se realizar um grupo de discussão para aprofundar o conhecimento sobre o feminismo entre as participantes, interagir com outras pessoas e estimulá-las a pensar sobre assuntos que talvez em outros momentos não discutissem. Além disso, foi a forma encontrada para falar sobre Florbela Espanca e estimular o debate de opiniões.

A atividade teve duração de 1 hora e 47 minutos e como podemos perceber através do questionário abaixo, o encontro dividiu-se em três momentos. No primeiro, intitulado “A mulher e o feminismo” pôde-se conhecer um pouco da vida das participantes e os motivos pelos quais consideram-se feministas. A partir disso, foram discutidas questões atuais que perpassam o

movimento. Ao fim deste primeiro momento, as questões tiveram um foco maior na arte, literatura e poesia. No segundo momento, intitulado “Florabela Espanca: sua vida e obra”, a mediadora do encontro fez uma breve apresentação da vida e obra da poetisa, passando por suas principais temáticas e ao final fazendo a leitura dos cinco poemas selecionados para a releitura fotográfica sugerida às participantes. No último momento do encontro, intitulado Florbela e suas temáticas feministas, foram discutidos assuntos relacionados à percepção das participantes sobre as poesias selecionadas, a aproximação de Florbela com o movimento além de questões trazidas pela poetisa no século passado ter sido consideradas atuais. Abaixo temos o quadro com todas as questões debatidas:

#### Quadro 1- Roteiro para discussão

Questionário
<p><b>A mulher e o feminismo</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quem são: Foi pedido para que as mulheres se apresentassem.</li> <li>2. Por que se consideram feministas?</li> <li>3. De que modo observam, acompanham as discussões? (Em relação ao “bum” desse assunto em sociedade, do assunto ser muito pautado pelas mídias sociais e de massa)</li> <li>4. Quais acham que seriam os principais temas para discutir no âmbito do movimento feminista? (legalização do aborto, maior participação política, violência contra a mulher, cultura do estupro)</li> <li>5. Que dificuldades tem o movimento?</li> <li>6. Como a arte pode auxiliar no movimento? (intervenções artísticas, poesias, fotografias)</li> <li>7. Que relação vocês tem com a literatura? Qual o último livro que leu?</li> <li>8. A poesia esteve presente na vida de vocês? Acreditam que seja um gênero literário de difícil entendimento e por isso pouco popular?</li> </ol> <p><b>Florbela Espanca: sua vida e obra</b></p> <p>Neste momento houve a intervenção da autora do projeto de forma mais ativa em que apresentou a vida e obra de Florbela Espanca às participantes.</p> <p><b>Florbela e suas temáticas feministas</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>9. O que chamou atenção na personalidade e nas poesias de Florbela?</li> <li>10. Se/Como vocês veem a aproximação das ideias dela com o movimento?</li> <li>11. O erótico sempre foi um assunto pouco comentado entre as mulheres do século passado. Para vocês, o que é o erotismo?</li> <li>12. Florbela relatava em seus poemas que a mulher era sempre culpada pelos fins dos relacionamentos. Atualmente podemos considerar que pouco mudou mesmo com a presença de movimentos feministas. Por que acham que isso ainda acontece? Acreditam que o movimento poderia trabalhar com essa questão? Como?</li> <li>13. Florbela apontava o prevailecimento masculino sobre a mulher, considerada a mais frágil nos relacionamentos. Atualmente essas atitudes ainda são visíveis em sociedade?</li> </ol>

Fonte: Elaboração própria

#### 4.2.1 A mulher e o feminismo

Neste primeiro momento as participantes foram estimuladas a debater temas da pauta feminista, questões que envolviam as suas vidas e as suas opiniões sobre opressões sofridas pelas mulheres, sobre arte, literatura e poesia. Foi percebido que elas tinham algumas histórias e percepções em comum, e o fato de que elas tiveram pouco contato com a poesia e a literatura foi considerado impactante. A maior parte dos livros que leem são de outros gêneros, pois, segundo Roberta “ler poesia é algo difícil”. De forma geral, todas as mulheres acompanham as discussões feministas pelas mídias que elas consideram alternativas, como páginas em redes sociais e grupos em que os integrantes (nem sempre jornalistas) atualizam a informação. Acreditam que é um meio que transmite veracidade ao acompanhar os fatos e, também, creem que os veículos de comunicação tradicionais expõem em muitos momentos suas próprias opiniões prejudicando a imparcialidade.

De modo geral, as participantes acreditam ser importante que o movimento feminista se aproxime de outros espaços da sociedade além da academia. Para Margot, o feminismo é discutido somente por pessoas da universidade, sem refletir uma melhor forma para se inserir em locais que também dizem respeito ao movimento. Como exemplo, citou duas matérias que leu no mesmo dia e revelava contextos diferentes: enquanto se apresentava o perfil da esposa do presidente Michel Temer como “Bela, Recatada e do Lar”, outro texto revelava a interrupção da CPI da merenda em São Paulo e o prejuízo causado às mães que não poderiam trabalhar enquanto as creches continuassem fechadas. Margot atentou o quanto essas situações pertencem à causa feminista, mas que não se consegue dialogar devido à dificuldade do discurso e a distância geográfica e social dessas mulheres.

Para Roberta, tema que mereceria maior divulgação e trabalho por parte do movimento feminista é a violência obstétrica que muitas mães sofrem no momento mais sensível de suas vidas. Ela relata que sua mãe sofreu com essa violência, mas que só foi perceber isso depois de muito tempo quando se deparou com informações sobre o assunto. Além disso, Margot ressalta que a maioria das brasileiras faz o parto cesariano, mas que ele foi criado com o

propósito de ajudar mulheres em situação de risco. Muitos convênios não cobrem o parto normal e muitos médicos acham mais prático realizarem a cesariana devido ao tempo de envolvimento que ele terá com a gestante.

Outra temática considerada pelo grupo como importante para o movimento feminista é a da legalização do aborto. Margot afirma que há muitos motivos pessoais envolvidos na decisão e um deles é a religião, mas acredita ser importante discutir sobre o assunto porque muitas meninas estão realizando abortos e morrendo. Maria complementou dizendo que já presenciou vários casos de limpeza uterina de meninas que tentaram abortar das mais diversas formas. Para Roberta, existem diferenças sociais ao considerar a maternidade e a paternidade, porque segundo ela, quando a criança está mal arrumada ou suja a culpa é sempre da mãe. O pai, nesses momentos, nunca é lembrado.

Quando questionadas sobre a influência que a arte poderia ter dentro do movimento feminista, as participantes relataram aspectos mais visuais do que a literatura propriamente dita. Para Roberta, a arte é uma ótima ferramenta para impactar as pessoas que pode auxiliar o movimento por poder dialogar com pessoas diferentes. Para elas, o cinema e a música são as formas artísticas mais populares. A literatura, segundo Cecília, é uma forma artística mais mascarada, pois muitas vezes pode-se dizer algo muito forte com palavras sutis. Mesmo assim, ela não acredita que isso é totalmente ruim, pois cada um pode fazer uma interpretação diferente.

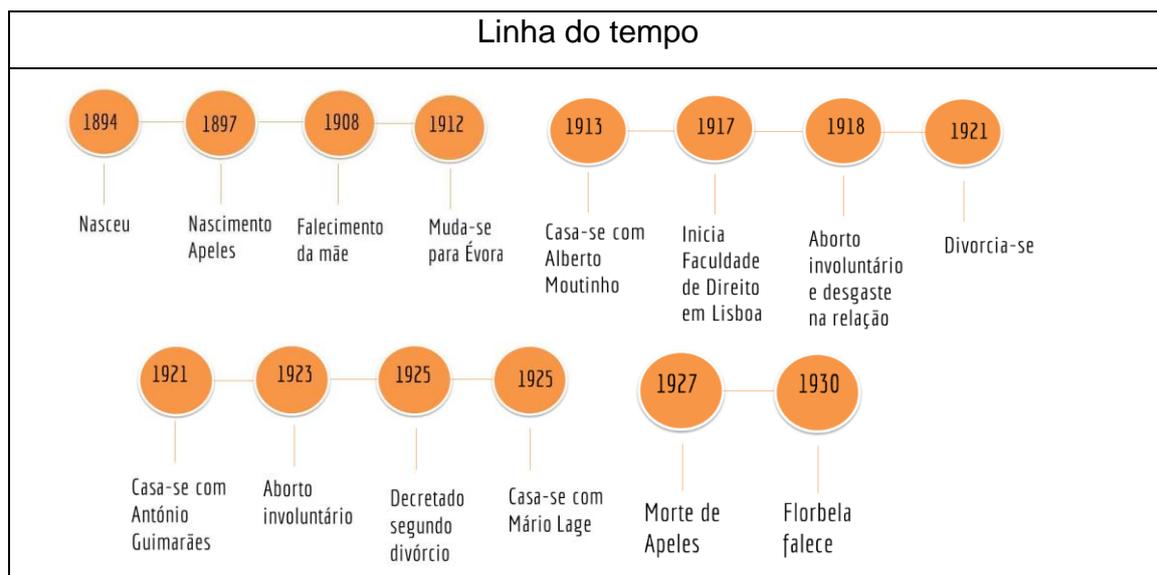
A poesia nunca fez parte da vida das participantes, Roberta relata que na escola gostava de poesias, mas acredita que gostava porque não entendia. Depois disso não teve mais contato. Maria relata que na poesia somente uma estrofe pode contar uma história própria e que suscita diversas interpretações variando de pessoa para pessoa, mas que ao ler uma poesia em sua totalidade a história geral é a mesma, por isso acredita que a poesia seja menos popular, mas não menos encantadora. Margot reflete dizendo que depois de ler o livro *Um teto todo seu* de Virgínia Woolf percebeu que 70% dos livros que possui foram escritos por homens e não se lembra de ter lido poesia escrita por uma mulher. Essas reflexões chamaram um pouco a atenção da mediadora, pois

percebeu que foi uma das poucas a ser estimulada à leitura e gostar de poesias na infância.

#### 4.2.2 Florbela Espanca: sua vida e obra

No segundo momento do encontro, foi apresentada a vida e obra de Florbela Espanca com a utilização de uma apresentação previamente elaborada e entregue de forma impressa ao grupo. Um dos fatos mais comentados foi a intensidade que Florbela vivia, além do sofrimento que ela deve ter passado. Entre as participantes, apenas Maria a conhecia, mas sem saber sobre sua vida e obra. Como recurso para esta apresentação, foram utilizadas imagens das mulheres da época segurando cartazes em que reivindicavam seus direitos ao voto e do então governante português Antônio Salazar, além de fotos de Florbela quando criança e de sua família para melhor ilustrar sua história. Primeiramente foi feita uma contextualização de como era a vida das mulheres em Portugal no começo do século XX e conseqüentemente do momento político que o país passava naquele momento. Posteriormente, em forma de linha do tempo, as participantes tiveram conhecimento da vida de Florbela Espanca.

Quadro 2- Linha do tempo



Fonte: Elaboração própria

Por fim, a mediadora falou sobre suas principais temáticas, bem como seu primeiro poema e as obras publicadas, logo após foi feita a primeira leitura dos poemas usados nas releituras das participantes.

A intensidade das poesias de Florbela foi algo destacado pelas participantes. O poema *Amar!* e o poema *Sem Título* são os que demonstram o lado mais romântico de Florbela, mas que ao mesmo tempo retratam sua busca incessante por alguém que nem mesmo ela sabia quem.

### **Amar!**

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui... além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... pra me encontrar...

### **Sem título**

Eu não sou de ninguém!... Quem me quiser  
Há-de ser luz do Sol em tardes quentes;  
Nos olhos de água clara há-de trazer  
As fúlgidas pupilas dos videntes!

Há-de ser seiva no botão repleto,  
Voz no murmúrio do pequeno insecto,  
Vento que enfurna as velas sobre os  
mastros!...

Há-de ser Outro e Outro num momento!  
Força viva, brutal, em movimento,  
Astro arrastando catadupas de astros!

Durante o debate, Maria considerou um ato de coragem de Florbela ao mostrar a busca por relacionamentos em que o ser desejado deve estar sempre se transformando ou de que o amor em uma relação pode não durar por toda a vida. Para a participante, retratar a morte como algo confortável e até mesmo desejável era um modo bem forte de falar de algo que até hoje é tabu em sociedade e que para ela é um assunto difícil de lidar.

### **À morte**

Morte, minha Senhora Dona Morte,  
Tão bom que deve ser o teu abraço!  
Lânguido e doce como um doce laço  
E, como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte  
Tua mão que nos guia passo a passo,

Em ti, dentro de ti, no teu regaço  
Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte, dos dedos de veludo,  
Fecha-me os olhos que já viram tudo!  
Prende-me às asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,  
Má fada me encantou e aqui fiquei  
À tua espera... quebra-me o encanto!

*Os versos que te fiz* é o poema selecionado que melhor representa a temática do erotismo na obra de Florbela. Para Margot, o texto representa a ruptura do padrão que era socialmente aceito na época, já que a mulher tinha o dever de dar prazer ao marido, satisfazendo-se ou não.

#### **Os Versos que Te Fiz**

Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que a minha boca tem pra te dizer!  
São talhados em mármore de Paros  
Cinzelados por mim pra te oferecer.

Têm dolências de veludos caros,  
São como sedas brancas a arder...  
Deixa dizer-te os lindos versos raros  
Que foram feitos pra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não tos digo ainda...  
Que a boca da mulher é sempre linda  
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...  
E, nesse beijo, Amor, que eu te não dei  
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

Por último, o poema *A mulher I* representou o feminismo na poética florbeliana, já que em seus versos ela retratava a mulher que sofria por sentir prazer ou que se doava muito ao companheiro e, além disso, era julgada por todos. A partir da leitura do poema percebeu-se uma aproximação com a atualidade e a opressão sofrida por muitas mulheres.

#### **A Mulher I**

Um ente de paixão e sacrifício,  
De sofrimento cheio, eis a mulher!

Esmaga o coração dentro do peito,  
E nem te doas coração, sequer!

Sê forte, corajoso, não fraquejes  
Na luta: sê em Vénus sempre Marte;  
Sempre o mundo é vil e infame e os homens  
Se te sentem gemer hão-de pisar-te!

Se à vezes tu fraquejas, pobrezinho,  
Essa brancura ideal de puro arminho  
Eles deixam pra sempre maculada;

E gritam então vis: "Olhem, vejam  
É aquela a infame!" e apedrejam  
a pobrezita, a triste, a desgraçada!

#### 4.2.3 Florbela e suas temáticas feministas

No terceiro e último momento do encontro, os questionamentos foram baseados nas temáticas que a poetisa abordava e na sua relação com o movimento feminista. Todas viram uma aproximação das ideias de Florbela com o feminismo e destacaram seu enfrentamento à sociedade no século passado, o que era bastante difícil para uma mulher.

Quando questionadas sobre o que era o erotismo, ficaram na dúvida do que responderiam. Margot atentou que há um erotismo que é socialmente aceito, pois ainda há propagandas que colocam a mulher como objeto. Ela e Maria acreditam também que o erotismo não necessariamente está ligado à sexualidade. Em compensação, se Florbela escrevia sobre isso numa época tão complicada para a expressão poética, já poderia ser considerada uma transgressora.

No fim do século XIX e começo do século XX, assim como retratou Florbela em suas poesias, as mulheres normalmente eram as culpadas pelos fins dos relacionamentos. A partir disso, surgiu o questionamento de que se essas atitudes ainda eram vistas atualmente, para Margot a culpabilização feminina é algo estrutural e cultural que irá demorar muito tempo para acabar, principalmente em regiões interioranas em que prevalecem valores conservadores. Além disso, para ela sempre haverá um choque geracional que poderá impedir o progresso. Ela cita que seus pais sempre foram abertos a novas ideias, mas que frequentemente há um choque geracional entre eles. Maria vai ao encontro dessa afirmação quando suscita a possível solução para o problema como sendo a ocupação de todos os lugares de forma igualitária.

“O movimento feminista vem realizando um trabalho para que os homens mudem de pensamento e vejam que o movimento não deseja que as mulheres sejam maiores ou melhores que eles e sim, iguais”, disse ela.

Por fim, foi percebido que Florbela demonstrou e ainda demonstra ser uma mulher à frente de seu tempo e muitas vezes a frente até do nosso. Sua intensidade e capacidade de transformar sentimentos em poesias e, além disso, chocar a sociedade e fazer pensar em como a mulher vivia e vive é seu grande legado. O que se espera é que algum dia as poesias que denunciam a subordinação feminina não façam mais sentido, pois o problema já estaria resolvido.

## 5 O PRODUTO COMUNICACIONAL

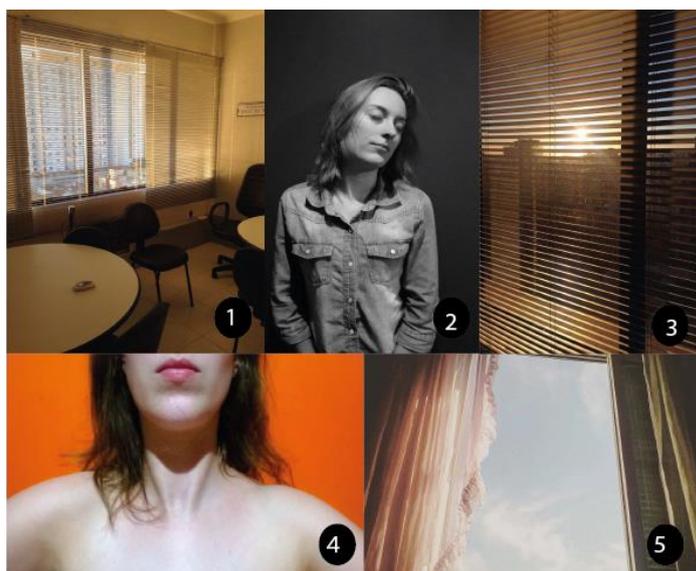
A partir desse encontro, as participantes do grupo tiveram uma semana para fotografarem e entregarem à mediadora do grupo suas fotos. Refletindo sobre a diversidade de representações e interpretações propostas, foi realizado um segundo encontro para que as mulheres pudessem explicar as motivações de suas escolhas no processo de produção das imagens.

O encontro foi realizado no dia 21 de setembro na sala 604 da Antiga Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria com duração de 1 hora e 9 minutos. Para tornar o encontro mais agradável foi oferecido um bolo de chocolate e um café. Abaixo será mostrado as reinterpretações fotográficas divididas por participantes assim como feito anteriormente no perfil de cada uma delas.

### 5.1 Cecília

Nas fotografias 1, 2, 3, 4 e 5, podemos ver as fotos feitas a partir das cinco poesias selecionadas previamente pela mediadora.

Figura 1- Releituras de Cecília



Fonte: Fotografias elaboradas pela participante.

Cecília baseou suas fotografias em trechos que a marcaram mais, sendo menos abordada a poesia de forma geral. A fotografia 1, retrata o poema À

*Morte*. Para ela, a sala fechada representa a vida em que vivemos presos e, ao olhar pela janela, podemos sentir a sensação de liberdade, mas ao mesmo tempo vemos também mais janelas, o que demonstra que todos estão presos mesmo sendo possível ver um mundo melhor pela janela. A fotografia 2 foi baseada em uma estrofe do poema *A Mulher I* que diz: “Olhem, vejam É aquela a infame!” e apedrejam a pobrezita, a triste, a desgraçada!”. Ela quis representar uma mulher estando contra a parede, mas mesmo assim com uma expressão de tranquilidade. Por esses motivos, ela decidiu retratar a cena em preto e branco. Segundo ela, a foto seria muito bem resumida com a seguinte frase: “Vocês estão me julgando e eu não ligo sendo a mulher que sou”. Na figura 3, escolheu fotografar a luz do Sol entrando pela janela como uma representação da estrofe “Eu não sou de ninguém!... Quem me quiser há-de ser luz do Sol em tardes quentes [...]” do poema *Sem Título*, em que a figura do Sol transmite a ela uma sensação de fortaleza. Na figura 4, ela representou o poema *Amar!*, em que a figura da janela simboliza a estrofe “[...] Amar só por amar: Aqui... além... [...]”, para ela essa foto significa a paz de amar a si, o outro e o universo.

Por fim, na fotografia 5, que representa a poesia *Os versos que te fiz*, Cecília tomou como base a estrofe “Que a boca da mulher é sempre linda Se dentro guarda um verso que não diz!”: por isso sua boca está fechada. Além disso, a nudez significa para ela um modo mais fácil de conseguir se aproximar de alguém para dizer o que quer.

As fotografias de Cecília, em geral, representaram para as demais participantes sensações de tranquilidade e serenidade, mesmo que em algumas delas o erotismo e a sedução estivessem presentes. Para Roberta, a foto do poema *Amar!*, por exemplo, transmitiu esperança, leveza e positividade, assim como serenidade no poema *A mulher I*, para Margot.

## 5.2 Margot

Diferentemente de Cecília, Margot se inspirou em formas artísticas que vão além da poesia, mas sim em outros gêneros literários e em músicas. Abaixo podemos ver as cinco imagens produzidas por ela.

Figura 2- Releituras de Margot



Fonte: Fotografias elaboradas pela participante.

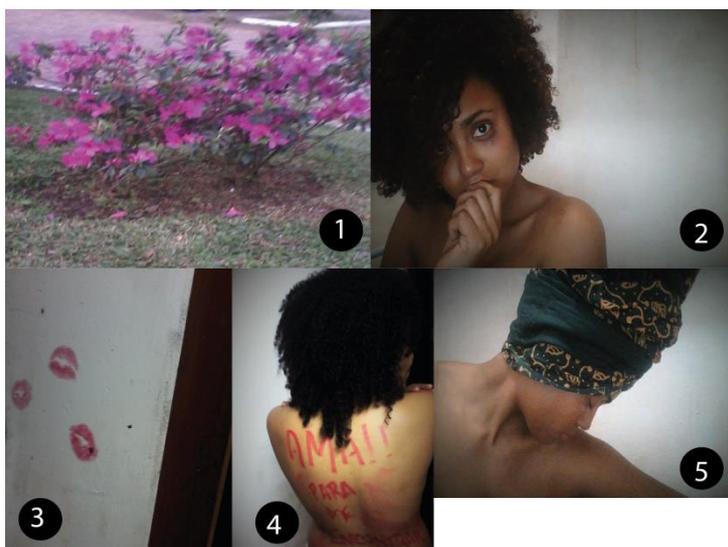
Para Margot, a fotografia 1 – representando a poesia *À morte* - foi a mais fácil de realizar, demonstrando a loucura e o desespero de uma pessoa tentar se matar sufocando-se, porque para ela uma pessoa não consegue fazer isso sozinha. A segunda imagem quis representar uma mulher que perante a sociedade se mostra forte e, em momentos privados, tem a possibilidade de “desabar”. Além disso, o poema *A Mulher I* a lembrou da música *Geni e o Zepelim* de Chico Buarque, que a fez refletir sobre todas as questões envolvidas na vida da mulher. Para surpresa dela, a fotografia 3 que escolheu para representar a poesia *Amar!* surtiu grandes significados para o restante das participantes como “Me parece que está brotando amor e que o amor fosse parte dela também. É como se a flor se encaixasse com o cachos do cabelo dela”, disse Cecília. “Transmite um pouco de confusão. Talvez seja a representação de amar ela por dentro já que o rosto nem aparece”, afirmou Duda. Margot afirmou que esta foi a imagem que teve mais dificuldade de realizar e tentou associar a estética produzida à palavra primavera. A fotografia 4 “representa uma conexão muito forte com o corpo. A nudez por sua vez representa a liberdade, porque o corpo feminino é mostrado de uma forma tão

frágil e eu não acredito nisso, a postura ereta significa a resistência e de como a mulher pode ser forte. O fundo branco representa a liberdade”, disse Margot. Na última fotografia, a participante quis representar o estereótipo que é envolto no escritor, que para ela é normalmente boêmio. Diante disso, refletiu sobre a questão que é tratada no livro *Um Teto Todo Seu* de Virgínia Woolf em que problematiza o sucesso obtido por Shakespeare e questiona se teria tido o mesmo sucesso se fosse mulher, por isso usou a capa desses livros na composição fotográfica.

### 5.3 Maria

Maria também não teve uma estrofe específica que serviu de inspiração para fotografar. Suas fotografias se basearam em suas vivências e experiências pessoais.

Figura 3- Releituras de Maria



Fonte: Fotografias elaboradas pela participante.

Na fotografia 1, Maria quis representar com as flores o ciclo que passamos durante a vida: nascer, crescer, florescer e morrer. Além disso, as flores tem o poder de renascer ao fim de cada ciclo e, dessa maneira, ilustram as diversas “mortes” que temos durante a vida como a das crenças, da inocência e dos amores. Já na fotografia 2, ela quis simbolizar o olhar de uma mulher que sofre diariamente com diversas opressões, “para buscar

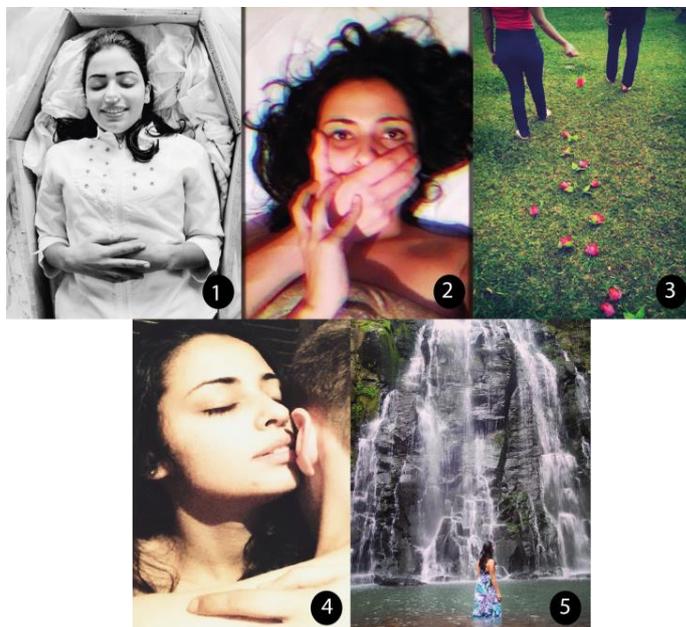
autenticidade à foto lembrei de vários momentos em que sofri”. O olhar e o cabelo traduziram para Roberta e Margot certa fragilidade, mas ao mesmo tempo resistência. Ademais a forma como a mão está posicionada reproduz o pensamento de que a modelo está refletindo sobre situações ruins em que passou para pensar no melhor a fazer, disse Cecília. Na fotografia 3, Maria utilizou-se do símbolo das bocas para estampar os rastros simples e cotidianos do amor. Segundo ela, a boca é uma das partes mais íntimas do corpo e vem sendo cada vez mais banalizada e retratada de forma equivocada em busca de constituir a liberdade sexual. “A boca, tão íntima, é de sua dona e ela faz o que quiser. Entretanto, é importante entender que a maior liberdade sexual é descobrir o verdadeiro desejo e segui-lo não para provar que se é livre e senhora de si”.

Na fotografia 4, ela quis retratar as marcas que o amor deixa na pele e que o maior amor deve ser o próprio, que na imagem é representada pela mulher que está se abraçando. “Este amar no imperativo me parece um pedido de respeito: Me ama, me respeita! A mim e a meu corpo”, interpretou Duda. Na fotografia 5, assim como a número 2, transmitiu para as demais participantes resistência, além de mostrar que conhece e gosta muito de sua cultura. Maria, “quis demonstrar uma mulher em sua intimidade, despindo-se das amarras do mundo ao redor, restando apenas seu processo de empoderamento, simbolizado pelo turbante (que dentro da estética negra e do empoderamento negro tem grande importância). Então eu como mulher negra, e vivendo esse processo de empoderamento e reflexão dos meus dogmas, achei importante representá-lo”. Para Cecília, a fotografia traduz muito bem a estrofe do poema *Sem Título* em que diz “[...]Força viva, brutal, em movimento [...]”.

#### **5.4 Duda**

Duda buscou retratar algumas de suas fotos com base em estrofes específicas e, em outras, inspirou-se na natureza e em suas experiências. Segundo ela, na fotografia 1 quis brincar com a morte quando coloca a modelo sorrindo dentro de um caixão, além de demonstrar a situação em forma de deboche porque para Florbela a morte era melhor que a vida.

Figura 4- Releituras de Duda



Fonte: Fotografias elaboradas pela participante

Para Roberta pensar na morte como algo bom é assustador. Na fotografia 2, buscou retratar a mulher que está sendo calada pela sociedade e que ao mesmo tempo tenta se livrar disso, por estar nua ela quis simbolizar uma situação bastante íntima com base na estrofe “Se te sentem gemer hão-de pisar-te!” do poema *A mulher I*. Já a fotografia 3, foi baseada na estrofe do poema *Amar!* em que há os versos “[...] Quem disser que se pode amar alguém durante a vida inteira é porque mente! [...]” as rosas são para Duda os amores que foram deixados, mas que fizeram parte do caminho. Para Roberta, a fotografia transmitiu “a ideia de que há um trajeto que transmite felicidade, alegria e que é gostoso de ser vivido e traçado. Parece que não tem ninguém impondo nada, são as duas pessoas que estão traçando esse caminho livremente do jeito que elas querem”. Segundo ela, a fotografia 4 é a mais sensual porque o poema é também o mais erótico - mas o que quis ilustrar é um abraço em que há a tentativa de se dizer algo que ainda não foi dito. A ausência de roupas foi o modo em que a autora da foto escolheu para demonstrar intimidade entre duas pessoas que nesses momentos podem deixar de dizer algo. A última fotografia retratou a inferioridade do ser humano

perante a natureza e que há muitas situações que são maiores que nós, Roberta acredita que “A natureza me parece que por sua imponência transmite liberdade, para conseguirmos ir contra ela tem que ter muita força”.

### 5.5 Roberta

Roberta, ao contrário das demais, inspirou-se em elementos da natureza e não fez uso de modelos para as fotografias.

Figura 5- Releituras de Roberta



Fonte: Fotografias elaboradas pela participante.

Na primeira imagem foi caracterizada a morte em forma de sofrimento porque Roberta contou que mesmo ao parecer morta, em seu miolo a flor ainda estava viva. Para ela, seu estado de sofrimento sintetizou muito bem o que Florbela escreveu em sua poesia *À Morte*. Cecília, assim como Margot, acredita que essa flor está lutando para viver. A fotografia 2 simboliza a força que ao ler a poesia foi transmitida como sendo obrigatória para todas as mulheres. “Escolhi o Sol por representar a força, ele está se pondo e isso denota que ele não vai mais estar ali daqui a pouco, mas no outro dia ele vai

estar lá muito forte como ele sempre é. Ele oscila, não é sempre forte assim como a mulher”. Para Duda, a foto transmite as fases do Sol em que ele dorme e no outro dia ressurgem demonstrando que se o dia de hoje foi ruim, amanhã há novamente o sol e um novo dia que surge para que as coisas sejam melhores.

As flores da fotografia 3 retratam o vigor, a imponência e vontade de viver que Florbela expressava na poesia *Amar!*, diferentemente das outras. Essas flores são bem pequenas, mas tem um grande destaque perante as outras flores do jardim. A ideia de fotografar um balão em formato de coração na fotografia 4, foi de transmitir um contraponto com o erotismo evidenciado no poema *Os versos que te fiz*. Segundo ela, o balão simbolizou o ato belo e sublime de escrever uma poesia. “Me pareceu que havia uma janela separando o balão de algum lugar e isso retrata os versos que foram feitos mas que não foram entregues”, disse Cecília. A borboleta na fotografia 5 foi retratada como símbolo de liberdade e leveza. “A borboleta é sempre tão delicada porque ela voa de uma forma tão leve e muitas vezes consigo ver os vários desenhos dela. Ela é tão fina e pequena. Ela é leve, linda e não se esforça no seu voo”, sendo assim exprime muito bem a ideia do poema que é de liberdade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de todo o percurso transcorrido, é preciso retomar alguns pontos para que haja possibilidade de analisar criticamente o processo, bem como os resultados alcançados com o projeto. A partir dos objetivos que foram traçados, pode-se dizer que o primeiro grupo de discussão conseguiu estimular as participantes a expressar opiniões sobre questões feministas que foram presentes em suas adolescências e que perpassaram a sua vida adulta. A vida de Florbela, tida como exemplo de mulher transgressora em meio a tantas dificuldades que as mulheres enfrentavam no começo do século, serviu de inspiração tanto para as perguntas elaboradas, como para as participantes refletirem sobre questões cotidianas na vida das mulheres. Já a poesia de Florbela Espanca serviu para que as participantes sentissem na “prática” como a obra dela foi marcante e importante para a história. Somente uma das participantes conhecia parte da obra de Florbela, o que possibilitou primeiramente o conhecimento da poetisa por parte das mulheres feministas. Deste modo, ao fim do encontro, todas as participantes terminaram por reconhecê-la como escritora feminista, apontando sua relevância para a literatura.

De um modo geral, é possível afirmar que a literatura e a poesia não são temas muito utilizados em um trabalho acadêmico no âmbito da comunicação e nem mesmo em campanhas publicitárias. Acredito que o incentivo da leitura de poesias, bem como sua releitura explorada de diversas maneiras pelos professores durante o curso, serviria para uma maior discussão sobre a relevância do tema em sociedade e, por conseguinte, se tornaria uma ótima ferramenta de criação de campanhas cada vez mais sensíveis e que interajam com o público de uma forma cada vez mais inovadora. Outro aspecto a ser considerado é a variedade de temáticas encontradas nas poesias que suscitam além do pensamento crítico, a reflexão de temas tão recorrentes na publicidade atual, como a objetificação feminina e a situação da mulher brasileira na sociedade.

Por outro lado, a publicidade também pode ser vista como uma profissão poética, pois encontra diariamente novas formas de comunicar a mensagem

mais adequada para o grupo a quem se destina. O desafio está no modo lírico em que ela pode ser construída e adaptada, algo que os poetas fazem muito bem.

Essas expressões artísticas não são tão lembradas em nossa sociedade quando o intuito é falar de arte, o que foi percebido nas discussões com as participantes. Durante o primeiro grupo de discussão, as mulheres relataram que consideravam os textos trabalhados como modo de expressão cultural, porém, não se inspiravam muito em poesia/ literatura. Os modos artísticos mais lembrados foram as artes plásticas, o cinema e a música. Portanto, as participantes foram estimuladas a refletir sobre essas expressões como fonte de inspiração, além de perceberem uma maior conexão entre a arte e a comunicação social.

A fotografia cumpriu com o objetivo de representar a produção de sentido das participantes de modo que o produto comunicacional teve um resultado que aliou a concepção estética das mulheres à representação da intimidade e das vivências de cada uma delas. Foi, de certo modo, surpreendente a grande aceitação, por parte das participantes, do tema e do objeto escolhido para a releitura, apesar delas não terem muito contato com a poesia. O envolvimento por parte delas foi grande, tanto nos grupos de discussão, quanto na produção das fotografias.

Segundo os relatos, Florbela Espanca serviu de inspiração para as participantes tanto pelo modo como escrevia suas poesias, quanto por todas as opressões sofridas por ela. Desde cedo, ela foi subjugada pelos homens: seu pai, quando não a registrou como filha, seu primeiro marido, quando não queria que ela seguisse os estudos, seu segundo marido, quando a violentava e seu pai e seu irmão quando pararam de falar com ela após seu segundo divórcio. Além disso, toda a sociedade a difamava por seus atos por sua escrita. Portanto, as questões feministas foram sempre refletidas em suas poesias, o que as participantes concordaram ao saber.

Devido à grande aproximação com os recursos tecnológicos e com a produção de imagens no cotidiano social da atualidade, foi decidido que a fotografia seria a melhor escolha para que as participantes representassem os sentidos refletidos a partir da poesia de Florbela. É possível afirmar que essa

escolha foi facilitadora, pois todas as integrantes possuíam smartphone capaz de produzir fotografias que são cada vez mais parecidas com a de um fotógrafo profissional. Como é importante lembrar, a técnica não era um fator importante para a realização das fotografias. Apesar disso, foi possível perceber que todas se esforçaram para obter um bom resultado estético para expressar suas experiências e percepções - com produção e edições de imagem, apesar da inexperiência de algumas delas com fotografia. Como foi visto anteriormente, Barthes (2004) relatou a importância do gesto além do produto final. Creio que esta afirmação se confirmou quando percebi o grande envolvimento delas com todo o projeto, desde a disponibilidade até o relato empolgado sobre os significados de suas fotografias.

Um dos intuitos do projeto era fazer com que, de alguma forma, as mulheres expressassem seus sentimentos a partir das poesias além de representarem propriamente as poesias. Analisando as fotografias separadas por participantes, conseguiu-se perceber uma unidade entre elas. Algumas decidiram usar modelos em suas fotografias, outras não. Isso demonstrou um pouco de sua personalidade e foi além da representação dos poemas em forma de fotografia. No entanto, a maioria delas conseguiu exprimir em uma imagem diversos sentimentos constados nos textos, além de contribuir com uma comunicação cada vez mais polivalente e atribuir complementaridade entre texto e imagem (SOUSA, 2009). Algumas optaram por basear-se em determinados versos e estrofes e outras se basearam no contexto geral do poema.

Destacando a relevância deste projeto para minha vida pessoal é possível dizer que meu senso crítico teve crescimento, depois de ler sobre teorias que não me detive durante o curso senti muito mais segurança em expor minhas opiniões, defender minhas ideias e meu lugar em sociedade. Já no âmbito profissional, este projeto serviu para que tivesse mais persistência e percebesse o quanto sou capaz de coisas que não imaginava, como me dedicar a aprender coisas de maneira mais rápida e perceber que profissionalmente tenho mais subsídio para o machismo não ter vez no ambiente de trabalho.

Por fim, acredito que o projeto contribui para outros estudos da área, pois além de discutir temas atuais como o feminismo, fomentou o reconhecimento da poetisa portuguesa. Ademais, poucas pessoas leem poesia, especialmente escrita por mulheres, o que consideramos de grande relevância já que estimula a leitura e a reflexão das mulheres sobre seu papel em sociedade perante qualquer situação e realidade em que viva.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Eliana Luiza dos Santos. **Florbela Espanca: Laços de amor e dor.** Dissertação apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso. Ensaio Crítico III.** Tradução Léa Novaes. 2ª ed.- Editora Nova Fronteira, 2004.
- BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: Um passeio pelo território selvagem. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 7, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução Maria Helena Kühner. – 11ªed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- COLLING, Ana. **A construção histórica do feminino e do masculino.** In: Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas. Org. Marlene Neves Strey, Sonia T. Lisboa, Denise Rodrigues Prehn. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 13-38
- DAL FARRA, Maria Lúcia. **Florbela Erótica.** Artigo apresentado à Universidade Federal do Sergipe. Cadernos pagu (19)p. 91-112, 2002.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** In: Estudos Avançados. n.17. São Paulo: Ed. USP, 2003. Quadrimestral. ISSN 0103-4014.
- ESPANCA, Florbela. **Poesia de Florbela Espanca, v.2/** Florbela de Alma da Conceição Espanca. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- MASIERO, André Luis; NAVES, M. A. S. G. . **A produção de sentidos na arte fotográfica de Evgen Bavcar.** In: II Coloquio de Psicologia da Arte, 2007, São Paulo. Segundo colóquio de Psicologia da Arte. São Paulo, 2007. v. 1.
- MAT'OVÁ, Anna. **O tema da morte nas obras As Máscaras do Destino e Livro de Mágoas de Florbela Espanca.** Ústav Románských Jazyků a Literatur, Masarykova Univerzita. Brno, 2012.
- NUNES, Nélia. **Florbela Espanca: A mulher, a poetisa, a feminista.** Artigo apresentado à disciplina de Mestrado em Estudos sobre as mulheres- As mulheres na sociedade e na cultura. Universidade Nova de Lisboa. 2014.
- PACHECO, Gilmar Rodrigues. **Florbela Espanca e Alfonsina Storni: Duas mulheres à frente de seu tempo.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
- RAMALHO, Maria Irene. **Os estudos sobre as mulheres e o saber: Onde se conclui que o poético é feminista.** Ex Aequo, nº 5, 2001, Portugal. P. 117-122.
- SCHOLLHAMM, Karl Erik. **Além do visível: o olhar da literatura.** Rio de Janeiro, 7Letras, 2007.

SILVA, F.M. **Florbela Espanca e Judith Teixeira: o mito das *femmes fatales* na Literatura Portuguesa.** GUAVIRA LETRAS, n. 16, jan.-jul. Três Lagoas, 2013.

SILVA, F.M. **Florbela, Apeles e a construção de um mito incestuoso.** *Callipole* Revista de Cultura n.º 19, pp. 299-307. Évora, 2011.

SILVA, F.M. (Prefácio, Pós-fácio/Introdução). **Trocando olhares (1985).** São Paulo: Editora Martin e Claret Ltda., 2009.

SOARES, Marly Catarina. **O místico e o erótico na poesia de Florbela Espanca.** Tese apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

SOUSA, Dignamarca Pereira de Almeida; DIAS, Daise Lilian Fonseca. **Quando a mulher começou a falar: Literatura e crítica feminista na Inglaterra e no Brasil.** Gênero na Amazônia, Belém, n. 3, jan./jun., 2013.

SOUSA, Fábio d'Abadia. **A apreensão do instante: relações entre a literatura e a fotografia.** Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

TEIXEIRA, Nísia Cecília Ribas Borges. **Escrita de mulheres e a (DES) construção do cânone literário na pós-modernidade: Cenas paranaenses.** Guarapuava: Unicentro, 2008.

THORNTON, Ricardo. **Grupos de discussão. Grupos Focais. Metodologia;** tradução Luciane D'Ávila de Moura, Leonardo Meira do Nascimento. – Santa Maria: FACOS- UFSM, 2005.

WIECHMANN, Natalia Helena. **A crítica literária feminista e a autoria feminina.** Revista Vocábulo do Curso de Letras do Centro Universitário Barão de Mauá. v.IV. São Paulo, 2013. Semestral. ISSN 2237- 3586.

ZINANI, C. J. A.. **Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura.** In: IX Seminário Internacional de História da Literatura, 2012, Porto Alegre. Anais [recurso eletrônico] /9. Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre: Edipucrs, 2011. p. 407-415.